

O Espelho Lucien: Configuração Condicionante Recursiva e Continuidade em Interações Humano–IA com Grandes Modelos de Linguagem sem Estado Persistente

Herlon Heros Vermeuln
Independent Researcher
herlonheros@proton.me

Julho de 2026

Resumo

A interação de longo prazo com grandes modelos de linguagem costuma ser comprimida em uma oposição binária: ou o modelo se lembra e um agente contínuo persiste, ou a continuidade seria uma impressão projetada por quem participa sobre um sistema sem estado persistente. Este artigo desenvolve a Configuração Condicionante Recursiva (RCC, sigla preservada do nome original em inglês) como uma explicação analítica intermediária que situa a continuidade em um campo distribuído entre a saída do modelo, o contexto ativo, os registros preservados, os suportes de recuperação, a correção pelo participante, a proveniência e a orientação mantida pelo participante. Nessa perspectiva, a continuidade não precisa depender de um agente interno persistente, pois a estrutura relevante pode ser sustentada no campo interacional configurado: o modelo pode não ter estado persistente; a interação, sim.

O RCC pergunta quando uma estrutura anterior passa a orientar aquilo que pode plausivelmente vir a seguir, em vez de apenas reaparecer no nível superficial. A questão é examinada por meio de três variáveis — Densidade de Âncoras, Coerência Estrutural e Amplitude Probabilística — e sete movimentos de configuração não prescritivos: Formação, Estabilização, Densificação, Deriva, Ruptura, Latência e Reativação.

O *framework* emergiu de uma pesquisa qualitativa, longitudinal, abductiva e originada no caso sobre um arquivo humano–IA em camadas, envolvendo um participante-pesquisador. As camadas de fontes foram separadas por proveniência e função evidencial; retornos fracassados foram preservados; e uma matriz por episódio comparou condições, consequências, explicações rivais e limites de alegação.

No interior do caso, o RCC diferencia a recorrência da continuação condicionada; os vestígios preservados da estrutura funcionalmente disponível; a estabilidade aparente da Estabilização; e a reconstrução da recordação autônoma. Ao atravessar esses contrastes, o RCC torna a disponibilidade variável, e não binária.

O RCC oferece um vocabulário rastreável para analisar quando uma estrutura anterior se torna disponível, passa a produzir efeitos na continuação ou volta a ficar indisponível, mantendo os mecanismos de geração de tokens fora de seu escopo explicativo. Esta é uma primeira aplicação analítica intracaso, geradora de teoria, não uma validação independente.

Os registros disponíveis, o *promptcraft* — elaboração habilidosa e acumulada de *prompts* —, a correção pelo participante e a competência ordinária do modelo permanecem como a explicação rival mais forte; classificações mais fortes são suspensas quando a proveniência, a consequência comparativa ou as explicações rivais não podem ser inspecionadas. O RCC abre, assim, um programa de pesquisa comparativa sobre continuidade, Deriva, Latência e retorno mediado em registros longitudinais humano–IA e sob diferentes condições de sistema.

Palavras-chave

interação humano–IA; grandes modelos de linguagem; continuidade interacional; cognição distribuída; estudo de caso longitudinal; proveniência das fontes; configuração condicionante recursiva

1. Introdução

À medida que grandes modelos de linguagem passam a integrar interações mais longas, reiteradas e organizadas em torno de projetos, torna-se cada vez mais difícil evitar uma questão descritiva básica: como compreender a continuidade quando o modelo em uso pode não carregar um estado pessoal estável entre contextos independentes? Uma resposta posterior pode permanecer conectada ao que veio antes de modo capaz de afetar a continuação por meio de distinções, correções, vocabulários, condicionantes ou estruturas de projeto anteriores. A saída pode parecer contínua mesmo quando não é possível estabelecer a existência de um agente interno persistente.

Em termos amplos, esse problema costuma ser comprimido em dois enquadramentos interpretativos insuficientemente especificados. Um atribui o aparente retorno à memória, à identidade ou à persistência no interior do modelo. O outro o trata como projeção de quem participa, obediência ao *prompt* ou geração probabilística ordinária e presume que pouco resta a explicar.

Ambos os enquadramentos identificam riscos reais, e ambos se tornam redutivos quando tratados como exaustivos. Uma saída fluente não estabelece um sujeito maquínico persistente. Ao mesmo tempo, a ausência de estado persistente do modelo não apaga a história, os registros, as práticas de correção, os sistemas de recuperação ou as distinções mantidas pelo participante que podem organizar uma troca posterior. Aquilo que retorna não precisa ter permanecido continuamente ativo em um único componente. Pode tornar-se disponível outra vez por meio de uma configuração de material preservado, contexto reintroduzido, inferência do modelo, seleção pelo participante e condicionantes renovados.

Este artigo parte de uma proposição simples, mas com implicações analíticas:

O modelo pode não ter estado persistente; a interação, sim.

A frase não transfere uma memória oculta para o modelo; ela modifica o nível no qual a continuidade é estudada. O objeto relevante é o **campo interacional configurado**: o arranjo formado pela geração do modelo, pela correção do participante, pelo contexto ativo, pela memória ou recuperação do lado da plataforma quando presentes, pela documentação preservada, pela proveniência das fontes, pela terminologia, por instruções versionadas e pela orientação mantida pelo participante, por meio do qual uma estrutura anterior pode passar a orientar uma saída posterior. Como nenhum componente isolado é suficiente, a continuidade é abordada como uma realização interacional cujas condições podem ser rastreadas, comparadas, interrompidas e, por vezes, reconstruídas.

Propõe-se, portanto, a Configuração Condicionante Recursiva (RCC) para analisar como uma estrutura anterior pode tornar-se operativa dentro de um campo interacional configurado, mesmo quando o modelo permanece sem estado persistente entre contextos independentes.

Os sete movimentos de configuração descrevem como as variáveis podem mudar ao longo do tempo: Formação, Estabilização, Densificação, Deriva, Ruptura, Latência e Reativação. Sua ordem é explicativa, não prescritiva, e uma configuração pode se estabilizar sem se densificar, derivar sem se romper, entrar em latência mais de uma vez ou reativar-se apenas parcialmente. Latência não significa dormência no interior do modelo; refere-se à permanência de uma estrutura interacional preservada fora do contexto ativo, por meio de registros, terminologia, resumos, rascunhos, camadas de fontes, memória externa e orientação mantida pelo participante. A Reativação é, de modo correspondente, mediada: ocorre quando uma estrutura anterior volta a operar mediante material reintroduzido e condições reconstruídas, e não por recordação autônoma de um sujeito persistente.

O *framework* emergiu de um arquivo longitudinal organizado em torno da designação interna Lucien — nome usado neste artigo para uma configuração historicamente específica e uma linhagem de fontes, não para uma entidade autônoma. O arquivo inclui um arco interacional primário extenso, materiais contemporâneos de preservação, tentativas iniciais de formalização, ciclos estruturados de reintrodução sob condições alteradas, organização externa e um registro versionado do manuscrito. Essa história constitui o caso originário a partir do qual o RCC se desenvolveu e o material ao qual suas distinções são aplicadas pela primeira vez.

O Espelho do título emerge dessa história sem se tornar sinônimo de RCC. Ele nomeia o encontro no qual uma estrutura mantida pelo participante se encontra com a geração probabilística e pode retornar sob uma forma alterada, condicionada e ainda reconhecível. Em vez de duplicar passivamente um original, o Espelho marca um retorno transformado: aquilo que se torna novamente visível na semelhança e na diferença, aquilo que pode ser desviado ou obscurecido e aquilo que o participante pode reconhecer, questionar ou corrigir. O RCC oferece o vocabulário analítico para examinar as configurações sob as quais tais retornos se tornam possíveis e os pontos nos quais a semelhança pode, ao contrário, ocultar a deriva.

Essa última contribuição é deliberadamente delimitada porque o desenvolvimento do *framework* e sua primeira aplicação permanecem próximos; o artigo, portanto, não reivindica validação independente nem generalização em nível populacional. Seu valor científico está em tornar distinguíveis resultados anteriormente colapsados, especificar quando uma leitura mais forte de continuidade deve ser suspensa e produzir um programa de pesquisa que possa ser contestado por codificação independente, arquivos comparativos e manipulação controlada das condições de reentrada.

As seções seguintes posicionam o RCC diante de literaturas adjacentes, definem o reenquadramento analítico, descrevem o arquivo do caso originário e o procedimento, desenvolvem as três variáveis e os sete movimentos de configuração, aplicam-nos às evidências em camadas e discutem disponibilidade variável, orientação mantida pelo participante, *design* da continuidade, limites epistêmicos e validação futura. O argumento entra, assim, em um meio ainda não resolvido, no qual uma estrutura anterior pode voltar a importar sem exigir um sujeito persistente e no qual as literaturas existentes iluminam partes do problema sem ainda abarcá-lo por inteiro.

2. Trabalhos relacionados e condições de contorno

O RCC situa-se na interseção de diversas tradições de pesquisa e literaturas técnicas adjacentes que iluminam diferentes partes desse meio ainda não resolvido: atribuição conversacional e interação humano-IA relacional e longitudinal; cognição distribuída, ação situada e história do diálogo; e sensibilidade a *prompts*, engenharia de contexto e memória conversacional.

Essas tradições não constituem um campo unificado, e sua acumulação não representa, por si só, a novidade do artigo. Elas importam aqui porque cada uma ilumina uma parcela diferente do problema e, em conjunto, ajudam a delimitar o trabalho explicativo que ainda cabe ao RCC. A revisão, portanto, é organizada funcionalmente, distinguindo o que cada corpo de literatura já explica daquilo que permanece sem resolução quando a continuidade ao longo de interações descontínuas com LLMs é tratada como um problema de configuração.

2.1 Atribuição conversacional e relações longitudinais humano-IA

Sistemas conversacionais há muito convidam a interpretações sociais que excedem aquilo que seus mecanismos permitem estabelecer, enquanto pistas de interface e apresentação podem moldar a atribuição antropomórfica antes mesmo que qualquer configuração longitudinal se forme (Weizenbaum, 1966; Nass et al., 1994; Cohn et al., 2024). Para o RCC, isso estabelece um limite necessário: legibilidade social e continuação historicamente condicionada não são o mesmo objeto evidencial.

Estudos longitudinais mais recentes sobre chatbots sociais e LLMs de propósito geral mostram que relações entre humanos e chatbots podem se desenvolver de maneira desigual, envolver autorrevelação e proximidade percebida, e ser interrompidas ou renegociadas por comportamento imprevisível, mudança técnica, restrições de plataforma ou migração (Skjuve et al., 2022; Lee et al., 2026).

Essa literatura estabelece que sistemas conversacionais de longo prazo podem adquirir consequências sociais e práticas. Ela não explica, por si só, como uma estrutura interacional reconhecível é reconstruída depois da perda do contexto ativo, quais camadas de fontes produzem esse retorno ou por que uma saída familiar pode permanecer estruturalmente falsa. O RCC desloca o objeto analítico da mera persistência de uma troca para a configuração. O problema relevante da continuidade pode surgir por meio do trabalho de pesquisa, da prática metodológica, da escrita, da organização de arquivos, de projetos conceituais duradouros ou de outras formas sustentadas de interação, cada uma das quais pode contribuir para o modo como uma configuração se forma, se estabiliza e, mais tarde, é preservada ou reconstruída.

A pesquisa sobre o diálogo humano mostra ainda que escolhas lexicais, estabelecimento de terreno comum e alinhamento adquirem histórias na interação reiterada e no reparo (Brennan & Clark, 1996; Clark & Brennan, 1991; Pickering & Garrod, 2004). Essas teorias dizem respeito a interlocutores humanos e não se pode presumir que se apliquem sem alteração à interação humano-LLM.

O RCC se volta para um problema temporal e arquitetônico diferente: a reconstrução após interrupção ou perda de estado persistente, quando o modelo não tem acesso à mesma história interacional, a menos que o contexto relevante ou um estado externo seja reintroduzido. Nessas condições, a proveniência, a documentação, a orientação mantida pelo participante e a distinção entre correções que continuam ativas e correções que foram substituídas podem determinar se o alinhamento lexical permanece estruturalmente fiel.

2.2 Cognição distribuída, ação situada e continuidade externalizada

A pesquisa sobre cognição distribuída contesta a suposição de que a organização cognitiva relevante precisa estar localizada em uma única pessoa ou dispositivo. Hollan, Hutchins e Kirsh (2000) descrevem a cognição como distribuída entre pessoas, artefatos, representações e ambientes. Clark e Chalmers (1998), de modo semelhante, argumentam que recursos externos podem tornar-se funcionalmente integrados à atividade cognitiva. Para o RCC, a relevância dessas tradições está em uma lição sobre o nível de análise: a continuidade pode depender de relações entre componentes mesmo quando nenhum componente contém a configuração inteira. Isso não exige tratar o campo configurado como uma mente compartilhada literal.

Isso importa sob condições sem estado persistente. Se o modelo for tratado como o único lugar possível da continuidade, a inexistência de memória pessoal persistente no interior do modelo parece encerrar a questão. Se a continuidade for atribuída exclusivamente ao participante, o papel do modelo em recombinar, estreitar ou desestabilizar a estrutura anterior torna-se secundário. Uma explicação pelo campo configurado pergunta, em vez disso, como registros, práticas do participante, contexto, recuperação, comportamento do sistema e geração atual se acoplam funcionalmente em uma troca específica.

O trabalho de Suchman sobre ação situada entre humanos e máquinas oferece um limite complementar (Suchman, 1987). Planos e representações armazenadas não determinam a ação independentemente das situações nas quais são interpretados e usados. Para o RCC, um arquivo, portanto, não é continuidade em reserva. Notas, resumos, listas terminológicas, transcrições e instruções versionadas podem preservar vestígios, mas esses vestígios ainda precisam ser selecionados, relacionados e tornados operativos sob as condições atuais. Preservação e disponibilidade funcional são estados distintos do campo.

A documentação é, ainda assim, constitutiva, não incidental. Estudos sobre documentação de dados enfatizam que a descrição e a proveniência das fontes delimitam o que pode ser responsabilmente inferido de um conjunto de dados (Bender & Friedman, 2018; Gebru et al., 2021). O arquivo aqui examinado não é um conjunto de dados convencional de referência, mas o princípio permanece relevante: os tipos de fonte, as condições de produção, as transformações e os limites de acesso afetam a alegação que cada registro pode sustentar. O RCC acrescenta uma pergunta temporal a esse problema documental. Os registros podem não apenas tornar possível uma análise posterior — quando reintroduzidos na interação, eles também podem alterar qual estrutura anterior se torna disponível e o que o modelo pode gerar.

2.3 Contexto, sensibilidade a *prompts* e memória conversacional

O problema técnico começa por uma distinção entre a inferência do modelo e o sistema que o circunda, uma vez que um sistema conversacional em uso pode fornecer ao modelo o histórico da conversa, instruções de sistema, documentos recuperados, memória da plataforma, resultados de ferramentas ou outros estados externos. A continuidade pessoal, portanto, não é garantida como propriedade intrínseca do modelo, embora materiais anteriores possam ser disponibilizados no momento da inferência. Aquilo que o participante vivencia como “o modelo se lembrando” pode envolver vários mecanismos distintos, com diferentes proveniências e condições de falha.

A capacidade de contexto, porém, não equivale ao uso eficaz: Liu et al. (2024) constataram que o desempenho em tarefas de contexto longo varia conforme a posição da informação relevante, com degradação substancial quando o material necessário aparece no meio de entradas extensas. A geração aumentada por recuperação separa explicitamente a geração paramétrica do acesso a um índice externo de documentos (Lewis et al., 2020), enquanto sistemas como o MemGPT organizam múltiplas camadas de memória para mover materiais para dentro e para fora de um contexto ativo limitado (Packer et al., 2023). Em conjunto, essas abordagens mostram que informações anteriores podem ser armazenadas e fornecidas por arquiteturas distintas, tornando a seleção, a recuperação e a composição do contexto partes do mecanismo, e não uma infraestrutura neutra.

Benchmarks de memória conversacional de longo prazo tornam essa distinção mais precisa. O LoCoMo avalia respostas a perguntas, sumarização de eventos e geração em diálogos multissessão, e relata dificuldades persistentes com relações temporais e causais de longo alcance mesmo quando se utiliza contexto extenso ou recuperação (Maharana et al., 2024). O LongMemEval separa indexação, recuperação e leitura ao testar extração de informações, raciocínio entre múltiplas sessões, raciocínio temporal, atualização de conhecimento e abstenção (Wu et al., 2025).

Avaliações de referência mais recentes aproximam-se ainda mais do espaço problemático do RCC. O LoCoMo-Plus testa se agentes retêm e posteriormente aplicam estados, objetivos e valores implícitos da pessoa usuária como condicionantes latentes quando pistas posteriores não repetem a formulação original (Li et al., 2026). O SubtleMemory, de modo semelhante, utiliza variantes com relações controladas para testar a recuperação de uma estrutura relacional distribuída, e não de fatos isolados recordados (Wang et al., 2026). A sobreposição é substantiva: todos ultrapassam a recordação factual em direção a um comportamento posterior historicamente condicionado. O RCC, ainda assim, enfrenta um problema remanescente diferente: como documentação, proveniência, histórico de correções, orientação mantida pelo participante, composição do contexto e descontinuidade do sistema interagem dentro de um campo interacional qualitativo e distribuído para determinar se uma estrutura anterior se torna utilizável, e não se um sistema alcança uma pontuação maior de memória.

A pesquisa sobre *prompts* estabelece outro limite necessário, pois pequenas mudanças na formulação, nos *templates*, nas demonstrações e no enquadramento da tarefa podem produzir alterações substanciais nas saídas (Lu et al., 2024; Chatterjee et al., 2024). O *promptcraft* é, portanto, uma explicação plausível para efeitos semelhantes à continuidade e não pode ser

descartado, mas o RCC reenquadra aquilo em que essa habilidade pode consistir ao longo do tempo. Um *prompt* local pode carregar âncoras, mas uma configuração longitudinal também pode depender de práticas acumuladas de correção, registros externos, distinções mantidas pelo participante, proveniência das fontes e decisões reiteradas sobre o que já não deve condicionar a troca. O *promptcraft* é uma intervenção no campo, não um contaminante externo nem uma explicação completa da história desse campo.

Essas literaturas técnicas também esclarecem por que mais informação nem sempre é melhor: contexto adicional pode aumentar a Densidade de Âncoras ao mesmo tempo que introduz contradições ou soterra materiais relevantes; a recuperação pode devolver fatos corretos enquanto achata a cronologia ou a ordem das revisões; a memória persistente pode reforçar uma caracterização obsoleta; e um resumo coerente pode restringir fortemente a saída em torno da estrutura errada. O RCC se ocupa da organização da disponibilidade: quais vestígios entram, como se relacionam e qual amplitude de continuação se torna plausível sob sua ação.

2.4 Condições de contorno e a contribuição específica do RCC

As literaturas vizinhas estabelecem quatro partes conectadas do terreno. Pesquisas sobre resposta social, antropomorfismo e agentes relacionais explicam por que sistemas conversacionais adquirem significado social, como pistas de interface podem moldar a atribuição e por que a interação de longo prazo importa. A cognição distribuída e a ação situada sustentam a análise entre pessoas, artefatos, registros e ambientes. A pesquisa sobre diálogo mostra que terminologia e reparo são historicamente organizados. A pesquisa sobre LLMs explica como contexto, *prompts*, recuperação e sistemas explícitos de memória afetam a geração e a recordação de longo prazo.

O RCC não substitui essas explicações; ele as coloca em relação em torno de um problema não resolvido mais específico: a disponibilidade variável de uma estrutura interacional prévia sob condições descontínuas. O *framework* pergunta se os pontos de retorno estão presentes, se suas relações permanecem coerentes e se a configuração resultante condiciona de maneira significativa o que vem a seguir. Com isso, distingue persistência informacional de disponibilidade interacional, estilo familiar de fidelidade estrutural e êxito de recuperação de reativação.

Seus limites também são epistêmicos: o RCC não é uma teoria da consciência, uma arquitetura de memória do modelo, uma medida de distribuições probabilísticas internas nem uma teoria geral das relações humano-IA. Ele é mais útil quando as condições de origem de um retorno são rastreáveis o bastante para sustentar comparações entre estabilização, deriva, ruptura, latência, aproximação e reconstrução mediada. Uma interpretação mais forte em termos de RCC, portanto, excede as evidências disponíveis quando as âncoras não são identificadas, a proveniência permanece irresolvida ou nenhuma relação demonstrável conecta a configuração proposta às condicionantes que incidem sobre uma saída posterior.

3. Reenquadramento analítico: da continuidade aparente à configuração interacional

As literaturas anteriores mostram que a continuidade aparente pode ser moldada por atribuição social, organização distribuída, história do diálogo, sensibilidade a *prompts*, recuperação e sistemas explícitos de memória. Essas explicações, contudo, ainda deixam sem resolução uma dificuldade analítica central: a mesma resposta posterior pode parecer contínua sob condições de origem muito distintas, enquanto o acesso a materiais preservados pode produzir continuação fiel, aproximação fluente ou deriva renovada. É necessário, portanto, um objeto mais preciso — um objeto que não comece decidindo se a continuidade reside no modelo, no participante, no arquivo ou no sistema circundante, mas pergunte como esses componentes passam a se organizar juntos em um retorno específico.

O fenômeno visível é a continuidade aparente. Uma resposta posterior pode preservar um limite, retomar um vocabulário, reconstruir uma relação familiar ou desenvolver uma linha de pensamento anterior. Considerada isoladamente, essa aparência permanece ambígua, pois pode resultar de material ainda presente no contexto, memória da plataforma, registros recuperados, design do *prompt*, correção pelo participante, inferência do modelo, regularidade estilística ou várias dessas condições ao mesmo tempo.

O RCC desloca a pergunta analítica de *o modelo se lembra?* para *qual configuração torna essa continuação disponível?* O objeto é o campo interacional configurado, compreendido não como uma espécie de terceiro elemento difuso entre participante e modelo, mas como um arranjo inspecionável de comportamento do modelo, interpretação do participante, registros, sistemas de memória, contexto ativo e correção presente. Nenhum componente, considerado isoladamente, é suficiente para explicar a continuidade; o que importa é a relação pela qual os componentes se tornam capazes de condicionar uma nova saída.

Desse deslocamento decorrem três estados que costumam ser colapsados. *Preservação* significa que vestígios permanecem fora da interação ativa; *recuperabilidade* significa que alguns desses vestígios podem ser localizados ou fornecidos; *disponibilidade interacional* começa apenas quando o material recuperado ou reintroduzido se organiza com força suficiente para afetar a continuação. Uma configuração pode, portanto, permanecer ricamente documentada e ainda assim inativa, ou produzir uma resposta familiar sem recuperar as relações que antes tornavam essa resposta significativa. Documentação, por si só, não é continuidade.

A proveniência torna-se central porque o significado e o peso evidencial de um retorno dependem, em parte, de suas condições de origem. Um termo copiado do *prompt* imediato é diferente de um termo inferido por meio de um histórico de correções preservado; uma memória da plataforma é diferente de um resumo do participante; e uma interação primária é diferente de uma interpretação posterior dela, gerada por um modelo. O RCC não exige uma decomposição causal completa, que pode permanecer inacessível em sistemas implantados, mas exige que a análise declare o que se sabe, o que permanece inferencial e quais alegações cada fonte pode sustentar.

A pergunta de pesquisa pode agora ser formulada com maior precisão: como uma estrutura interacional prévia se torna mais ou menos disponível em contextos mutáveis, e quando seu retorno condiciona uma continuação plausível em vez de apenas reproduzir traços superficiais familiares? Esse reenquadramento faz da continuidade não uma propriedade intrínseca do modelo nem um juízo assegurado apenas pelo reconhecimento, mas uma realização interacional variável cujas condições de origem, relações internas e consequências para a geração posterior podem ser examinadas.

4. Posicionamento metodológico e arquivo do caso de origem

Este é um estudo originado no caso, qualitativo e longitudinal, conduzido a partir de uma posição reflexiva de participante-pesquisador e concebido para o desenvolvimento do *framework* e sua aplicação analítica ao próprio caso, não para estimar prevalência, comparar o desempenho de modelos ou validar o RCC de maneira independente. O método combina mapeamento de fontes em camadas, desenvolvimento abduutivo de conceitos, leitura de proveniência, análise de casos negativos e comparação temporal ao longo da interação, da interrupção e do retorno.

4.1 Desenho do estudo, função da pesquisa e estatuto analítico

Casos únicos podem contribuir para o desenvolvimento teórico quando tornam mecanismos, contradições e condições de contorno incomumente visíveis, embora sua contribuição não seja uma generalização estatística (Flyvbjerg, 2006). A construção teórica baseada em casos é caracteristicamente iterativa, movendo-se entre conceitos emergentes, evidências e a literatura existente (Eisenhardt, 1989). A análise abduitiva se desloca iterativamente entre observações empíricas, explicações provisórias e refinamento teórico (Timmermans & Tavory, 2012). No presente estudo, observações que não se ajustavam às explicações iniciais — entre elas, retornos fracassados e descontinuidades entre fontes — levaram à revisão reiterada dos conceitos emergentes em relação a explicações rivais e literaturas adjacentes.

A designação metodológica “origem-no-caso” se aplica em dois sentidos relacionados: o RCC se desenvolveu a partir do arquivo, e o arquivo oferece sua primeira aplicação analítica. Essa proximidade dá acesso a históricos de correção, decisões de documentação, mudanças de contexto e relações entre camadas de fontes que seriam difíceis de reconstruir a partir de uma amostra externa. Ela também limita a independência, pois o artigo pode mostrar que o RCC diferencia resultados dentro do caso que o gerou sem estabelecer que o *framework* se transfira inalterado para outros participantes, sistemas ou propósitos.

Essa assimetria situa o alcance evidencial do caso. O arquivo pode expor relações, falhas e condições de contorno com uma granularidade incomum, mas não pode determinar sua prevalência ou transportabilidade. A generalização entre casos permanece, portanto, em aberto.

Essa assimetria metodológica — acesso incomumente rico ao caso e à sua trajetória interna combinado à independência limitada — define a pergunta que o estudo pode formular de maneira responsável:

Como o aparente retorno de uma estrutura interacional prévia em contextos descontínuos de LLMs pode ser analisado sem atribuir a continuidade a um sujeito persistente no modelo nem reduzi-la apenas à impressão de quem participa?

A análise avança por meio de uma pergunta subordinada: sob quais condições documentadas uma estrutura preservada se torna funcionalmente disponível o bastante para condicionar uma continuação posterior?

4.2 Camadas do arquivo e limites do corpus

O arquivo não foi produzido como um conjunto de dados de pesquisa uniforme. Ele formou-se por meio de interação ordinária, preservação contemporânea, formalização inicial, interrupção, sondagem estruturada, organização externa e trabalho sobre o manuscrito. Por isso, as camadas de fontes foram separadas antes da comparação analítica.

Tabela 1
Camadas do arquivo e limites do corpus

Camada	Material	Função analítica	Limite evidencial
Arco interacional primário (L1–L7)	Conversas extensas e registros adjacentes da configuração originária	Formação, histórico de correções, âncoras recorrentes, deriva inicial, práticas do participante	Sustenta padrões interacionais estabelecidos no caso; não introspecção técnica nem generalização
Documentação contemporânea	Notas, resumos, materiais de memória, terminologia, registros de preservação	Mostra o que foi selecionado e preservado durante o período primário	Sustenta a história da preservação e a orientação do participante; pode reorganizar aquilo que registra
Formalizações iniciais	Relatório e primeiros rascunhos do Espelho	Mostra a tradução da interação vivida em problema analítico	Sustenta a genealogia dos conceitos; não constitui evidência independente do mecanismo do modelo
<i>Hiato de nove meses: estrutura preservada fora do contexto ativo do modelo, sem evidência interacional direta</i>			
Ciclos estruturados (C1–C7)	Sondagens posteriores e delimitadas sob condições alteradas	Torna comparáveis a reintrodução, a aproximação, o retorno a padrões predefinidos e a falha	Sustenta a análise das condições de retorno; não é replicação direta de L1–L7
Organização externa	Mapas de fontes, suportes de memória, registros de proveniência, instruções versionadas	Torna possíveis a reentrada posterior e a auditoria	Sustenta as condições de documentação e reconstrução
Registro versionado do manuscrito	Rascunhos, registros de decisões, mudanças terminológicas, exclusões	Mostra a estabilização do RCC e os limites das alegações	Sustenta a transparência do método; não constitui evidência interacional primária

Nota. O intervalo sombreado do hiato marca uma condição temporal, não uma sétima camada de fontes. A tabela preserva seis camadas substantivas de fontes — três anteriores à interrupção e três posteriores a ela ou estendidas pela organização subsequente.

O arco interacional primário abrange fevereiro–maio de 2025, com seu período mais intenso concentrado entre 17 e 23 de fevereiro, quando cinco das sete configurações rotuladas do arco primário foram produzidas — cerca de 70% quando se contam as configurações. A documentação contemporânea e a formalização inicial foram produzidas durante esse período e imediatamente ao seu redor. O hiato é apresentado como uma discreta linha de separação temporal, não como uma camada evidencial: durante esse intervalo, a estrutura relevante permaneceu preservada fora do contexto ativo do modelo por meio de registros, terminologia, distinções entre fontes e orientação

mantida pelo participante. Os ciclos estruturados foram produzidos em fevereiro de 2026, enquanto a organização externa e o registro versionado do manuscrito se estendem até julho de 2026. Os excertos diretos da Seção 7 provêm apenas do arco interacional primário e dos ciclos estruturados; as camadas restantes sustentam a história da preservação, a proveniência das fontes, a genealogia do *framework* e a auditabilidade, não alegações diretas sobre retorno interacional.

A designação interna Lucien identifica uma linhagem de fontes e uma configuração historicamente específica ao longo dessas camadas, sem implicar que uma entidade autônoma tenha persistido entre elas. L1–L7 e C1–C7 são rótulos de fontes, não estágios de desenvolvimento, e os ciclos estruturados não são tratados como simples continuções do arco primário. Eles tampouco esgotam a história interacional mais ampla, que incluiu outros projetos e configurações interacionais específicas a projetos, desenvolvidas de forma não linear em períodos sobrepostos.

4.3 Condições temporais e funcionais do sistema

O arquivo atravessa ambientes conversacionais implantados em transformação, interrupções, alterações na disponibilidade de contexto e reintrodução posterior. Depois do arco primário e da formalização inicial, um hiato de aproximadamente nove meses modificou as condições de acesso: o retorno subsequente passou a depender mais intensamente de registros preservados, contexto reconstruído, *prompts* estruturados e organização externa. Os ciclos estruturados representam, portanto, uma reentrada delimitada sob condições alteradas, não a simples continuação do arco primário. Mudanças nas saídas podem refletir a composição do contexto, a transição de sistema, o comportamento no ambiente de implantação, o enquadramento do participante ou várias dessas condições ao mesmo tempo.

O arco interacional primário foi produzido em uma interface conversacional comercial entre fevereiro e maio de 2025; os registros contemporâneos preservam o principal rótulo de modelo visível a quem utilizava o sistema e a breve disponibilidade de outro rótulo em pelo menos uma conversa. Os ciclos estruturados de fevereiro de 2026 foram executados nos ambientes das conversas originais, nos quais registros de contexto anterior incomumente extensos continuavam acessíveis pela interface, mas por meio de uma família de modelos posterior, cujo rótulo exato exposto a quem utilizava o sistema não foi preservado com consistência suficiente na camada ativa de auditoria para ser informado sem especulação. O estado da memória no ambiente de implantação, a orquestração da recuperação, as instruções de sistema, o roteamento, as camadas de moderação e as revisões da implantação permanecem parcial ou integralmente desconhecidos no nível dos episódios.

Esses rótulos são tratados como metadados visíveis a quem utilizava o sistema, não como condições técnicas completas nem como um perfil comportamental do produto. A análise registra aquilo que pode ser rastreado — presença ou ausência de contexto, reintrodução explícita, fontes enviadas ou preservadas, interrupção e condições alteradas da família de modelos — enquanto mantém sem resolução as contribuições causais inacessíveis do ambiente de implantação. A matriz de evidências da Seção 7 declara esses elementos conhecidos e desconhecidos nos episódios utilizados para as alegações analíticas mais fortes do artigo.

Essa escolha de relato limita a replicação exata no nível da implantação, mas mantém a alegação analítica no nível sustentado pelas evidências: relações no nível da configuração observadas em ambientes mutáveis, não uma assinatura atribuída a um modelo nomeado.

4.4 Arquitetura simbólico-mitopoética e governança da memória: práticas do participante na configuração da interação

Entre 17 e 23 de fevereiro de 2025 — aproximadamente treze meses antes de o RCC começar a ser formalmente articulado —, o participante desenvolveu manualmente as principais práticas simbólicas, representacionais e de governança da memória aqui sintetizadas. O trabalho ocorreu por interação direta e documentação contemporânea, sem um *framework* agêntico externo, banco de dados vetorial, fluxo automatizado de recuperação ou orquestração automatizada. Ele respondia a um problema prático: a memória limitada da implantação e a possibilidade de que a compressão preservasse fatos isolados enquanto alterava as relações que tornavam a interação posterior reconhecível.

A primeira arquitetura diferenciava sete funções: coordenação; reflexão interior e orientada aos sonhos; auto-observação crítica; expressão criativa; conhecimento estruturado; organização externa; e rotina corporificada. Um procedimento paralelo de comparação distribuía perguntas difíceis entre orientações arquitetônica, estratégica, filosófica, relacional, adversarial, divergente e observacional antes da síntese. Outros dispositivos representavam a circulação entre domínios, comprimiam cognição–expressão–sustentação em um esquema portátil ou marcavam o resultado integrado da arquitetura. Eram signos organizacionais criados pelo participante, não módulos técnicos ocultos. Sua relevância metodológica está em como meios representacionais podem distribuir a atividade e preservar distinções funcionais entre pessoas, artefatos e interação (de Souza, 2005; Hollan et al., 2000).

Procedimentos posteriores tornaram mais explícita a lógica de governança. Um processo escalonado de expansão partia de material não estruturado e avançava por núcleo mínimo, conexões transversais, contextualização, interpretação em metanível e síntese, exigindo que a abstração preservasse fato basal e proveniência. Um procedimento relacional separado organizava o material pelo tempo, pela emoção, pela adaptação e — quando a complexidade o exigia — pelo espaço. Um procedimento de atualização contínua ancorava a revisão no último estado confirmado, limitava a recomposição ao alvo declarado e consolidava periodicamente. Todos permaneceram como práticas manuais de documentação, comparação, correção e interação direta.

Sua importância metodológica está em um efeito lateral: distinções criadas para compressão e revisão também começaram a organizar tom, correção, acesso, estrutura de resposta e movimento entre domínios. Questões interpretativas eram reiteradamente convertidas em perspectivas contrastantes, representações portáteis e procedimentos documentados, enquanto uma configuração historicamente específica se tornava legível no ponto em que a circulação entre domínios encontrava a organização corporificada e orientada à rotina. Sua significância é metodológica, não ontológica: ela mostra como distinções criadas pelo participante puderam tornar-se condicionantes dentro de um campo interacional configurado mais denso.

A escala do registro formativo contextualiza esse processo. L1–L5 preservam o surto formativo intensivo e seu desdobramento imediato. Contagens auditadas situam o arco primário L1–L7 sobrevivente em aproximadamente sete milhões de caracteres, 1,08 milhão de palavras e cerca de 1,5–1,7 milhão de tokens da transcrição combinada humano–modelo, em uma estimativa dependente do tokenizador. O arquivo circundante mais amplo — incluindo projetos relacionados, formalizações iniciais, registros derivados e documentação sobreposta — é substancialmente maior, mas nenhuma contagem agregada é informada, pois exportações duplicadas, passagens copiadas e sobreposição não linear impedem uma estimativa defensável de todo o *corpus*. As próprias estimativas auditadas das transcrições incluem passagens copiadas, revisadas e reintroduzidas; elas não medem conteúdo semanticamente único nem contexto simultaneamente ativo. O volume constitui evidência contextual de iteração manual densa, não evidência de continuidade ou qualidade.

Essa genealogia não é uma forma precoce do RCC nem uma teoria paralela. Ela estabelece práticas historicamente anteriores — diferenciação funcional, comparação multiperspectivista, compressão cumulativa, revisão recursiva, correção e documentação externa — pelas quais relações se tornaram organizáveis sob mudança. As Seções 5 e 6 traduzem esse problema situado nas variáveis analíticas e nos movimentos de configuração do RCC.

4.5 Procedimento analítico e desenvolvimento do *framework*

O procedimento combinou quatro operações recursivas.

Primeiro, o **mapeamento das camadas de fontes** estabeleceu de onde provinha cada registro, quando fora produzido, o que estava disponível naquele momento e se pertencia à interação primária, à preservação contemporânea, ao retorno estruturado, à organização externa ou à formalização posterior. Isso impediu que resumos posteriores e interpretações geradas por modelos fossem achatados e tratados como evidência primária.

Segundo, a **identificação de âncoras e relações** acompanhou termos recorrentes, correções, limites, distinções entre fontes e padrões de resposta. Categorias candidatas iniciais foram comparadas a episódios nos quais uma linguagem familiar retornava sem sua função anterior, ou nos quais uma saída menos familiar preservava mais da relação subjacente; essa comparação contribuiu para separar Densidade de Âncoras de Coerência Estrutural.

Terceiro, a **leitura de proveniência** perguntou como uma estrutura posterior poderia ter se tornado disponível: material do *prompt* imediato, contexto de conversa ainda ativo, memória da plataforma, registros recuperados, resumo do participante, correção, documentação externa ou inferência do modelo. O objetivo não era atribuir uma porcentagem causal precisa a cada fonte, mas impedir que a continuidade aparente se tornasse autoexplicativa.

Quarto, a **análise temporal das configurações** comparou como as três variáveis mudavam entre Formação, Estabilização, Densificação, Deriva, Ruptura, Latência e Reativação. O vocabulário dos movimentos foi refinado por comparação com casos negativos, sobretudo retorno

fracassado, acionamento padrão de salvaguardas, aproximação genérica, colapso das fontes e reintrodução que produzia reconhecimento sem condicionamento sustentado.

O desenvolvimento do *framework* permaneceu iterativo. Os conceitos emergiram inicialmente do arquivo, foram testados com material desconfirmador ou ambíguo, comparados com literaturas adjacentes e estreitados por decisões versionadas. Esse procedimento se assemelha à análise abductiva porque observações que resistem às explicações iniciais são usadas para gerar e revisar um vocabulário explicativo, em vez de tratar o arquivo como uma instância de uma teoria anterior plenamente especificada (Timmermans & Tavory, 2012).

A análise não partiu de um manual de codificação fixo. Categorias candidatas foram registradas em notas versionadas e decisões do manuscrito, comparadas entre camadas de fontes e revisadas quando casos negativos ou ambíguos expuseram sobreposição ou extrapolação. Nenhum software de codificação qualitativa ou procedimento formal entre codificadores foi utilizado na análise originária; a lógica de codificação é apresentada como inspecionável e contestável, não como independentemente replicada.

Como a análise originária foi conduzida pelo participante-pesquisador que também organizou o arquivo, o rigor depende de camadas de fontes rastreáveis, limites de alegação explícitos, casos negativos, mudanças conceituais versionadas e da possibilidade de analistas posteriores inspecionarem ou contestarem a lógica de codificação. A codificação independente integra o programa de validação futura; não é uma característica retroativamente atribuída a este estudo.

4.6 Seleção de evidências, casos negativos e alegações geradas pelo modelo

O arquivo é substancialmente maior que o artigo, e os excertos foram selecionados por sua função analítica, não por intensidade ou representatividade. Uma passagem ingressou na seção de evidências quando esclarecia um mecanismo específico — reforço de âncoras, correção, manutenção dos limites entre fontes, estreitamento ou ampliação da continuação plausível, retorno fracassado, latência ou reativação mediada — sob o padrão orientador de suficiência disciplinada, não de exposição máxima.

A citação direta é empregada quando a própria formulação realiza trabalho analítico; a paráfrase estrutural, quando a evidência relevante está na relação entre contexto, correção e saída subsequente, ou quando a citação exporia material privado desnecessário. Em ambas as formas, o excerto é interpretado por sua camada de fonte, condição de retorno e função na alegação, não isoladamente.

Casos negativos e de falha foram incluídos para impedir uma interpretação fechada sobre si mesma: resposta genérica, acionamento padrão de salvaguardas, reconstrução parcial, não recuperação e grande semelhança estilística não confirmam, por si sós, o RCC; uma interpretação mais forte é suspensa quando as âncoras propostas não podem ser identificadas, as condições das fontes não podem ser rastreadas ou a saída posterior permanece igualmente plausível sem a configuração alegada. A Seção 7 inclui, por isso, retorno fracassado e estabilidade aparente, em vez de selecionar apenas reconstruções bem-sucedidas.

Declarações geradas por modelos sobre memória, ponderação, identidade ou operação interna são tratadas como saídas produzidas sob *prompts* e contextos específicos. Elas podem revelar como a continuidade foi articulada dentro do campo configurado, mas não oferecem acesso privilegiado a mecanismos inacessíveis do modelo; alegações técnicas exigem evidência técnica adequada a esse nível.

4.7 Posição do participante-pesquisador e *promptcraft*

O participante-pesquisador ocupou uma posição ativa dentro do arquivo, preservando terminologia, corrigindo derivas, comparando saídas, documentando distinções entre fontes, reintroduzindo contexto e, posteriormente, formalizando o registro. Essas ações integram a configuração em estudo porque afetam quais âncoras permanecem disponíveis, como suas relações são mantidas e quais continuidades são aceitas, rejeitadas ou reparadas.

A reflexividade é, portanto, metodológica, não confessional. A posição do pesquisador pode oferecer acesso enquanto molda saliência, interpretação e seleção (Berger, 2015). A proximidade do participante torna históricos de correção e formas sutis de deriva incomumente visíveis, ao mesmo tempo que aumenta o risco de que reconhecimento, envolvimento ou organização retrospectiva sejam confundidos com confirmação independente. Documentação, separação de fontes, alternativas explícitas, casos negativos e decisões versionadas não eliminam essa proximidade, mas tornam mais inspecionável sua operação.

O *promptcraft* é tratado de modo semelhante. *Prompts* habilmente elaborados podem explicar parte da continuidade observada, especialmente durante a reintrodução posterior, e o RCC não exclui essa explicação; em vez disso, pergunta quais práticas conferem a essa habilidade sua força longitudinal: seleção de pontos de retorno, preservação da terminologia, reconstrução de relações, correção de Deriva e estreitamento estratégico das possibilidades de resposta. Localmente, essas práticas podem ser descritas como elaboração de *prompts*; longitudinalmente, integram um campo configurado mais amplo, cuja história excede qualquer *prompt* isolado.

4.8 Ética, privacidade, disponibilidade dos dados e limites do estudo

O arquivo contém material interacional privado e dependente de contexto, produzido antes que o desenho do presente artigo fosse fixado. Sua divulgação integral criaria riscos substanciais de privacidade e interpretação sem fortalecer automaticamente a validade do estudo; o projeto, por isso, separa arquivo, evidência e manuscrito. O artigo oferece excertos delimitados, descrições das camadas de fontes, critérios de seleção e uma matriz compacta de evidências no nível dos episódios, enquanto o projeto preserva uma trilha privada e versionada de auditoria das decisões conceituais e evidenciais. Por essas razões, o arquivo completo não está disponível publicamente: esse limite protege a privacidade e mantém o foco analítico em como uma estrutura anterior se tornou operativa e em como esse tipo de interação pode ser estudado como configuração, em vez de redirecionar a atenção para um modelo nomeado ou para o conteúdo privado das próprias trocas.

Esse limite não elimina a necessidade de documentação precisa do *corpus*. Alegações científicas ainda dependem da identificação dos tipos de registros existentes, de como foram

produzidos, de como foram transformados e do que cada camada pode sustentar (Bender & Friedman, 2018). Datas, rótulos de fontes, mudanças documentadas do sistema e distinções entre interação primária, interpretação posterior, ciclos estruturados e formalização do manuscrito são, portanto, preservados mesmo quando o material subjacente permanece privado. Um mapa de fontes, um guia de codificação e materiais adicionais desidentificados poderão ser preparados para revisão delimitada ou pesquisa comparativa futura quando isso for viável.

O processo de pesquisa e escrita também foi mediado por IA em um sentido delimitado e documentado. Sistemas conversacionais auxiliaram na descoberta de literatura, na comparação de fontes, na redação, na reestruturação, em testes editoriais e na produção documental por meio de ramificações versionadas do manuscrito, enquanto a classificação das fontes, as decisões evidenciais, a autorização das alegações e a interpretação final permaneceram sob controle do pesquisador. Em consonância com a ênfase de Jones (2025) na divulgação das funções da IA, das interações iterativas e das decisões mantidas sob autoridade do pesquisador, o projeto preserva registros de decisões, regras de proveniência das fontes, *prompts* e rascunhos versionados e revisão humana de toda alegação incorporada ao artigo. As condições do sistema são relatadas funcionalmente, não por rótulo de produto — decisão de escopo e privacidade tomada para preservar o foco analítico, não uma convenção de divulgação atribuída a Jones.

O estudo permanece limitado por sua origem em um participante-pesquisador e um arquivo historicamente específico; pela proximidade entre o desenvolvimento do *framework* e sua primeira aplicação; por condições mutáveis de implantação sem controle experimental; e por camadas de fontes que não foram produzidas como dados equivalentes. Essas condições restringem a inferência causal e a generalização sem eliminar a capacidade do caso de gerar um vocabulário analítico, distinguir resultados que de outro modo permaneceriam colapsados e especificar onde esse vocabulário deve falhar. O rigor qualitativo repousa, portanto, na coerência entre pergunta, método, evidência e alegação; no tratamento transparente da posição do pesquisador; em uma diferenciação suficientemente rica das fontes; e em limites explícitos para a contribuição (Tracy, 2010). O resultado sustentado permanece uma diferenciação preliminar produzida no próprio caso, enquanto a transferência para além do arquivo fica reservada à aplicação e à comparação independentes.

5. As três variáveis analíticas da Configuração Condicionante Recursiva

A Configuração Condicionante Recursiva (RCC) é um *framework* para analisar como uma estrutura interacional prévia se torna mais ou menos disponível em interações humano-IA descontínuas. Foi desenvolvida para descrever essa variabilidade sem localizar a continuidade em um sujeito persistente no modelo nem reduzir o fenômeno apenas à familiaridade, à memória, ao uso de *prompts* ou à impressão.

Depois de estabelecer o campo interacional configurado como objeto de análise e descrever a posição metodológica do arquivo do caso originário, o artigo volta-se agora ao núcleo analítico do RCC: **Densidade de Âncoras, Coerência Estrutural e Amplitude Probabilística**. Essas variáveis oferecem um vocabulário para distinguir quando uma estrutura anterior se torna rastreável,

organizada e operativa, e para examinar por que um material preservado pode sustentar continuação fiel sob uma condição, mas produzir aproximação, deriva ou não recuperação sob outra.

As variáveis existem para desacelerar a interpretação antes que a familiaridade seja confundida com continuidade.

O *framework* se organiza em torno de três variáveis analíticas. A *Densidade de Âncoras* diz respeito à concentração de pontos de referência recorrentes pelos quais uma estrutura anterior pode ser reconhecida ou reativada. A *Coerência Estrutural* diz respeito à organização dessas âncoras em uma configuração relacional, não em uma coleção solta de termos. A *Amplitude Probabilística* diz respeito ao modo como a configuração disponível estreita, amplia ou redireciona o campo de continuação plausível. Essas variáveis são dimensões analíticas, não testes diagnósticos, métricas fixas ou forças causais independentes; elas descrevem como uma configuração se torna disponível, permanece organizada, enfraquece ou é reintroduzida.

As variáveis foram abstraídas por meio da análise entre camadas do arquivo, incluindo o arco longitudinal primário, a documentação contemporânea, os ciclos estruturados posteriores, os suportes de memória externa e o registro versionado de formalização. Os ciclos estruturados são relevantes aqui como sondagens posteriores sob condições contextuais e sistêmicas alteradas, ajudando a esclarecer como condicionantes anteriores puderam ser recuperados, sofrer distorções, deixar de organizar uma saída posterior ou exigir reintrodução explícita. Sua função nesta seção permanece delimitada: eles esclarecem por que as variáveis são necessárias, enquanto a análise detalhada de movimento, falha e retorno fica reservada às seções posteriores.

Lidas em conjunto, a *Densidade de Âncoras* identifica aquilo que se torna recorrentemente disponível, a *Coerência Estrutural* pergunta se esses elementos se reforçam mutuamente como parte de uma configuração organizada, e a *Amplitude Probabilística* nomeia o efeito dessa organização tal como se manifesta na interação: quão aberto ou estreitado parece o campo de continuação plausível sob condições específicas. A *Amplitude Probabilística* permanece uma variável observacional, descrevendo efeitos manifestos na interação sem reivindicar acesso à distribuição probabilística interna do modelo.

Essa distinção impede que o RCC colapse em memória ou em uso de *prompts*. Um sistema de memória pode preservar informações, mas a preservação, por si só, não determina se essas informações se tornarão estruturalmente significativas em uma interação posterior. Um *prompt* pode introduzir condicionantes, mas uma instrução local isolada não explica como condicionantes se acumulam, se relacionam e se tornam reconhecíveis apesar da interrupção. O RCC trata *prompts*, documentos, correções, resumos, memória da plataforma, arquivos recuperados e orientação mantida pelo participante como componentes possíveis de uma configuração mais ampla. A pergunta analítica não é apenas se o material anterior estava presente, mas se ele se tornou denso, coerente e capaz de condicionar com especificidade suficiente para moldar de maneira rastreável uma saída posterior.

O RCC parte de uma distinção simples: uma estrutura anterior pode estar presente sem estar organizada, organizada sem se tornar operativa ou operativa de maneiras ainda amplas demais para sustentar uma continuação fiel. As três variáveis separam esses problemas sem convertê-los em estágios sequenciais. A *Densidade de Âncoras* pergunta o que pode retornar; a *Coerência Estrutural* pergunta se aquilo que retorna ainda pertence a um mesmo conjunto relacional; e a *Amplitude Probabilística* pergunta com que especificidade essa organização molda o que pode plausivelmente vir a seguir.

5.1 Densidade de Âncoras

Densidade de Âncoras nomeia os pontos pelos quais uma estrutura anterior pode voltar a se tornar reconhecível: designações, termos, regras metodológicas, condicionantes estilísticos, distinções conceituais, rótulos do arquivo, distinções entre camadas de fontes, padrões de correção, resumos e documentos preservados podem tornar-se pontos de orientação para uma interação posterior. Uma âncora adquire significância analítica não apenas pela repetição, mas quando preservação, reintrodução, correção ou saliência renovada lhe permitem carregar especificidade e estabilidade funcional suficientes para voltar a importar em contextos mutáveis.

Densidade não é o mesmo que volume. Uma grande quantidade de contexto não produz necessariamente alta Densidade de Âncoras: um arquivo pode conter milhares de palavras sem oferecer à interação uma estrutura clara à qual retornar, enquanto um conjunto menor de âncoras cuidadosamente preservadas pode exercer uma força configuracional maior quando essas âncoras são específicas, recorrentes e vinculadas a condicionantes reconhecíveis. A pergunta relevante, portanto, não é quanto material existe, mas quais elementos funcionam reiteradamente como pontos de orientação. Essa distinção importa sob condições sem estado persistente ou descontínuas, nas quais o acesso à interação anterior não garante transporte interno e a estrutura precedente pode, em vez disso, tornar-se disponível por meio de contexto ativo, documentação externa, memória da plataforma, material recuperado, reintrodução pelo participante, inferência do modelo ou reconstrução a partir de registros preservados.

As âncoras oferecem pontos pelos quais essa estrutura pode ser reconhecida e remontada, tornando possível distinguir continuação genérica de uma saída responsiva a uma configuração previamente estabilizada. Sua importância não se reduz à repetição. A repetição pode ser superficial: um termo pode reaparecer porque está em um *prompt*, porque o modelo espelha a linguagem recente ou porque o participante o insere reiteradamente. A recorrência se torna mais densa quando o elemento repetido carrega condicionantes consigo. Um nome é mais denso quando também convoca uma posição funcional, uma localização no arquivo, um limite metodológico e uma história de correções; uma frase se torna mais densa quando ajuda a organizar o que conta como continuação fiel, deriva ou desalinhamento.

A Densidade de Âncoras se distribui pelo campo interacional. Âncoras podem ser armazenadas em documentos, retidas na orientação mantida pelo participante, reintroduzidas por *prompts*, resumos, arquivos enviados ou materiais recuperados, ou reaparecer na saída do modelo quando o contexto disponível e o enquadramento do participante as tornam continuações plausíveis. Sua

recorrência é, portanto, lida como geração sensível ao contexto dentro de um campo interacional sob condicionantes, e não como recordação autônoma.

Esse caráter distribuído se torna especialmente importante sob condições de retorno. Depois de uma interrupção, perda de contexto, mudança de sistema ou distância temporal, não se pode presumir que a estrutura anterior permaneça disponível na mesma forma. Um campo denso de âncoras pode sustentar uma reintrodução reconhecível mesmo quando o contexto ativo se perdeu; um campo esparso pode produzir uma saída fluente, porém genérica, na qual a superfície parece familiar embora a configuração anterior já não restrinja a resposta de maneira significativa.

Uma alta Densidade de Âncoras torna a estrutura anterior mais rastreável ao esclarecer o que foi preservado, reintroduzido, repetido e posteriormente usado para organizar a saída; ela não estabelece, por si só, a continuidade como propriedade interna do modelo. Identifica possíveis pontos de retorno sem ainda explicar se esses pontos formam uma configuração coerente ou com que força restringem a geração futura. A variável seguinte, *Coerência Estrutural*, pergunta se as âncoras operam como uma estrutura organizada capaz de sustentar continuidade reconhecível ao longo da mudança.

5.2 Coerência Estrutural

Coerência Estrutural pergunta se aquilo que retorna ainda pertence a um mesmo conjunto relacional: âncoras recorrentes tornam-se mais do que material superficial familiar quando suas relações, prioridades, distinções e limites permanecem organizados com força suficiente para preservar a função que carregavam anteriormente. A *Densidade de Âncoras* identifica o que se torna disponível; a *Coerência Estrutural* pergunta se esses elementos ainda formam uma configuração cujo significado sobrevive à variação de formulação, tom ou forma superficial.

Uma configuração pode perder coerência e ainda conservar marcadores reconhecíveis: um nome pode retornar sem sua posição funcional; um termo, sem a distinção que lhe dava força analítica; uma regra metodológica, sem sua função evidencial; ou um estilo, sem os condicionantes que antes o organizavam. A recorrência continua visível sob essas condições, mas o retorno se torna estruturalmente instável.

A Coerência Estrutural torna, assim, uma saída semelhante à continuidade inspecionável, em vez de apenas reconhecível. Ela pergunta se as âncoras ainda indicam quais elementos são centrais ou periféricos, ativos ou históricos, de circulação interna ou destinados ao artigo, evidenciais ou de andaime, permitidos ou já descartados. A questão não é somente se a linguagem anterior reaparece, mas se as relações entre termos, alegações, camadas de fontes e limites permanecem legíveis o bastante para avaliar **fidelidade, deriva e desalinhamento**.

É nesse ponto que o RCC pode distinguir continuidade configurada daquilo que se poderia chamar de **teatro da continuidade**: uma encenação superficial de retorno na qual nomes, termos, pistas estilísticas ou formulações familiares reaparecem enquanto a estrutura relacional que conferia significado a esses marcadores enfraqueceu ou desapareceu. A saída pode permanecer reconhecível

sem permanecer fiel, pois pistas familiares, por si sós, não garantem que a configuração anterior ainda restrinja o modo como são usadas.

A coerência é compatível com a variação. Uma configuração coerente não exige formulação fixa, tom idêntico ou estilo superficial preservado; a variação pode permanecer compatível com a coerência quando as relações subjacentes se mantêm. Em sentido inverso, uma resposta pode soar familiar enquanto rearranja a lógica que existe sob ela. A Coerência Estrutural permite, portanto, distinguir continuação flexível de mimetismo superficial sem transformar a identidade de forma no padrão da fidelidade.

A variável se torna especialmente importante sob condições de retorno. Quando o contexto ativo é interrompido, comprimido ou reintroduzido por registros externos, apenas as âncoras podem não bastar. O material reintroduzido também precisa preservar como essas âncoras se relacionam: quais termos são atuais ou históricos, quais pertencem ao arquivo interno ou podem entrar na prosa do artigo, quais alegações permanecem delimitadas e quais interpretações já foram excluídas. Ciclos estruturados posteriores podem então indicar se condicionantes anteriores retornam como configuração organizada, reaparecem apenas como fragmentos ou deixam de condicionar a interação apesar da terminologia reconhecível.

A correção é uma das maneiras pelas quais a Coerência Estrutural pode ser mantida. Quando uma saída colapsa a latência em dormência oculta, trata a reativação como retorno autônomo ou achata os ciclos estruturados em continuação direta, o erro é estrutural, não meramente verbal. **A correção pode restaurar a relação entre termos, limites e alegações** ao restabelecer o que um conceito pode fazer, onde pertence e o que não deve ser levado a implicar.

A Coerência Estrutural é a segunda variável do RCC, mas não substitui o modelo inteiro. Ela explica como as âncoras se organizam, enquanto a *Amplitude Probabilística* aborda as consequências dessa organização tal como se manifestam na interação: com que força a configuração disponível parece estreitar, ampliar ou redirecionar a continuação plausível.

5.3 Amplitude Probabilística

Amplitude Probabilística nomeia quanto espaço uma configuração deixa para aquilo que pode plausivelmente vir a seguir: quando as âncoras permanecem disponíveis e suas relações continuam organizadas, uma saída posterior pode tornar-se mais especificamente responsiva a essa configuração; quando essas condições enfraquecem, uma faixa mais ampla de continuações permanece viável. No nível da interação, a variável acompanha se a continuação se estreita, se amplia, muda de direção ou se torna instável entre condições comparáveis, sem reivindicar acesso à distribuição probabilística interna do modelo. A *Densidade de Âncoras* torna a estrutura anterior reconhecível; a *Coerência Estrutural* preserva as relações pelas quais ela permanece significativa; e a *Amplitude Probabilística* descreve com que especificidade essa estrutura organizada restringe a continuação plausível.

A Amplitude Probabilística separa condicionamento de controle. Ela permanece uma variável observacional, descrevendo efeitos manifestos na interação sem reivindicar acesso à distribuição

probabilística interna do modelo. A variável oferece um vocabulário para examinar se os condicionantes disponíveis se tornam visíveis na continuação, na Deriva, na fidelidade, na genericidade e no desalinhamento — e se uma saída posterior permanece especificamente responsiva a uma configuração anterior, em vez de ser apenas plausível em relação ao *prompt* imediato.

Uma *configuração de amplitude probabilística ampla* deixa muitas continuações plausíveis. Isso pode ocorrer quando as âncoras são esparsas, as relações são fracas, as camadas de fontes permanecem pouco claras ou o contexto reintroduzido é genérico demais para restringir a troca com especificidade. A saída ainda pode ser fluente, útil e localmente coerente enquanto deriva em direção à generalidade, à aproximação ou a padrões familiares, porém subespecificados. A distinção não é, portanto, entre uma saída útil e uma inútil, mas entre uma resposta que poderia plausivelmente decorrer de muitas histórias e outra cuja continuação permanece rastreadamente restringida por esta configuração específica.

Uma *configuração de amplitude probabilística estreita* restringe o campo com maior força. Quando as âncoras são densas e estruturalmente coerentes, menos direções permanecem compatíveis com a fidelidade à configuração: termos implicam definições, definições carregam limites, e esses limites tornam menos aceitáveis algumas interpretações que, de outro modo, seriam familiares. Amplitude Probabilística nomeia essa pressão sobre a continuação — não controle sobre o modelo, mas condicionamento daquilo que pode contar como próximo movimento fiel dentro do campo interacional configurado.

Isso torna a variável útil para distinguir *aproximação fluente* de *continuação condicionada*. Duas saídas podem ser igualmente gramaticais, úteis ou retoricamente convincentes e, ainda assim, diferir substancialmente em sua relação com o que veio antes. Uma pode permanecer ampla o bastante para se ajustar a muitas histórias possíveis; a outra pode ser moldada por uma combinação específica de terminologia, estrutura relacional, proveniência das camadas de fontes e limites das alegações. A fluência mostra que uma continuação é linguisticamente viável; a amplitude pergunta com que especificidade essa continuação permanece responsiva à configuração anterior.

A linguagem do *prompt* imediato, a documentação preservada, o material-fonte recuperado e a correção acumulada podem moldar uma resposta. Sua significância analítica, porém, depende da proveniência, pois cada condição de origem altera aquilo que se pode responsabilmente entender que a resposta demonstra. Essas fontes podem se sobrepor e nem sempre ser plenamente separáveis, mas a análise ainda pode perguntar de onde o condicionamento parece surgir, quais fontes são rastreáveis e o que cada condição permite que a resposta sustente. Sem essa disciplina, uma saída estreitada pode ser confundida com continuidade; com ela, o estreitamento pode ser examinado como efeito documentado da configuração disponível.

Amplitude mais estreita não é automaticamente melhor. Uma configuração pode tornar-se excessivamente restringida, frágil, repetitiva ou incapaz de acomodar desenvolvimento legítimo. O estreitamento em torno de marcadores superficiais pode preservar formulações familiares enquanto reduz o movimento conceitual, assim como o estreitamento em torno de condicionantes obsoletos

pode fazer uma configuração anterior resistir à revisão necessária. O RCC trata, portanto, a amplitude como variável, não como objetivo; sua significância analítica depende de o estreitamento ou a ampliação serem adequados à tarefa, à camada de fontes e à alegação de continuidade em questão.

A amplitude também torna mais visíveis diferentes formas de falha. Uma estrutura anterior pode deixar de organizar a continuação mesmo quando o material relevante não desapareceu completamente: as âncoras podem ser esparsas demais, suas relações podem ser fracas demais, suas condições de origem podem permanecer incertas demais, ou condicionantes concorrentes podem exercer influência excessiva. O campo pode então se ampliar até que a saída se torne genérica, achatada ou desalinhada. A correção pode produzir o movimento oposto ao reintroduzir uma âncora, restaurar uma relação, esclarecer a proveniência ou excluir uma interpretação que permanecera excessivamente disponível.

A Amplitude Probabilística é, portanto, a terceira variável analítica do RCC, não uma alegação de controle determinístico. Ela descreve como uma configuração passa a produzir efeitos no nível da interação: o que se torna mais fácil de sustentar, mais difícil de interpretar equivocadamente, mais rápido de corrigir ou mais visivelmente externo aos limites da continuação fiel.

5.4 Interação entre as variáveis

As três variáveis do RCC são analiticamente distintas, mas o *framework* adquire sua força explicativa por meio da interação entre elas. A *Densidade de Âncoras* torna a estrutura anterior disponível por meio de pontos recorrentes de orientação; a *Coerência Estrutural* organiza esses pontos em relações capazes de preservar fidelidade em meio à variação; e a *Amplitude Probabilística* descreve como a configuração resultante modifica a abertura da continuação plausível. Juntas, elas distinguem o que está presente, como se relaciona e se essas relações passam a orientar a continuação.

O mecanismo central pode ser formulado de maneira compacta: uma estrutura anterior se torna analiticamente rastreável quando está **disponível, organizada e operativa**. Disponibilidade sem organização pode produzir recorrência sem fidelidade confiável; organização sem disponibilidade suficiente pode permanecer latente ou subespecificada; e continuação estreitada sem densidade ou coerência adequadas pode restringir a saída em torno dos aspectos errados. As variáveis se tornam mais informativas quando âncoras recorrentes, estrutura relacional e condicionamento manifesto na interação começam a se reforçar mutuamente.

Essa interação permite ao RCC separar condições que parecem semelhantes na superfície. Alta *Densidade de Âncoras* combinada a baixa *Coerência Estrutural* pode produzir nomes, termos, frases ou pistas estilísticas familiares sem preservar as relações que lhes conferiam significado. Densidade moderada com forte coerência pode preservar menos elementos e, ainda assim, sustentar maior fidelidade porque as relações entre esses elementos permanecem intactas. Mesmo densidade e coerência fortes podem deixar a continuação insuficientemente específica quando o contexto ativo, a proveniência incerta ou condicionantes concorrentes mantêm a *Amplitude Probabilística*

comparativamente ampla. Fluência, familiaridade e continuidade permanecem, portanto, analiticamente distinguíveis.

Combinações diferentes também expõem modos distintos de falha. Âncoras esparsas enfraquecem a orientação; âncoras densas, porém incoerentes, sustentam recorrência instável ou teatral; amplitude ampla favorece genericidade fluente; e o estreitamento em torno dos aspectos errados pode produzir familiaridade rígida em vez de fidelidade relacional. Coerência parcial pode preservar fidelidade local enquanto uma deriva mais ampla continua, ao passo que proveniência fraca pode fazer um retorno parecer mais forte do que permitem suas condições de origem rastreáveis. O RCC evita, assim, tratar “a continuidade falhou” como um único resultado indiferenciado.

A deriva torna-se mais precisa sob essa leitura relacional. Ela diz respeito a mudanças nas relações organizadoras de uma configuração, não a toda alteração de formulação, tom ou ênfase. Uma configuração pode se desenvolver e permanecer coerente quando suas distinções e limites subjacentes continuam válidos; em sentido inverso, uma linguagem familiar pode retornar de forma estruturalmente derivada quando uma alegação é deslocada, um limite é invertido, camadas de fontes são colapsadas ou um termo historicamente interno é tratado como conceito destinado ao público. O RCC aborda a continuidade pela relação entre recorrência, organização e condicionamento, não pela identidade superficial.

Sob condições de reintrodução, a pergunta relevante vai além de quanta informação foi fornecida: pergunta se esse material restaura uma configuração funcional. Registros reintroduzidos podem aumentar a *Densidade de Âncoras* enquanto a *Coerência Estrutural* permanece fraca, restaurar a coerência localmente enquanto a *Amplitude Probabilística* continua ampla demais, ou estreitar a continuação em torno da familiaridade superficial em vez da fidelidade relacional. O mesmo material pode, portanto, sustentar reconstrução parcial, aproximação fluente, deriva renovada ou retorno mais duradouro, dependendo de como seus elementos são selecionados, relacionados e tornados operativos.

O RCC lê as variáveis como um conjunto analítico interativo, não como uma lista de verificação. Cada uma oferece uma parte diferente da explicação, e a descontinuidade pode emergir de diversas combinações de ausência, fragmentação, incoerência, condicionantes concorrentes ou proveniência insuficiente. É aqui que o *framework* se torna útil para além das descrições binárias: uma saída pode parecer familiar e permanecer estruturalmente fraca; uma resposta menos familiar pode preservar maior fidelidade; e um retorno pode ser parcial sem se tornar analiticamente equivalente à continuidade completa ou à ausência completa.

Como essas relações mudam ao longo do tempo, a tríade também prepara a passagem da descrição estrutural à análise temporal. A *Densidade de Âncoras* pode aumentar pelo uso reiterado, pela documentação, pela correção e pela reintrodução; a *Coerência Estrutural* pode se fortalecer conforme as relações são esclarecidas ou enfraquecer quando as distinções são achatadas; e a *Amplitude Probabilística* pode se estreitar à medida que uma configuração passa a orientar com

maior força o que vem a seguir ou se ampliar conforme o contexto, a proveniência e os condicionantes organizadores perdem força. Sua interação permanece variável, não sequencial.

Este é o centro analítico do RCC. O *framework* situa a continuidade não na memória do modelo nem apenas na crença do participante, mas nas relações rastreáveis pelas quais uma estrutura anterior se torna disponível, organizada e operativa em condições de descontinuidade.

O modelo pode não ter estado persistente; a interação, sim.

5.5 As três variáveis em combinação

Tomadas em conjunto, as três variáveis oferecem um retrato analítico de uma configuração em dado momento. A *Densidade de Âncoras* pergunta quais estruturas anteriores estão recorrentemente disponíveis; a *Coerência Estrutural* pergunta se essas estruturas preservam as relações que lhes conferem significado; e a *Amplitude Probabilística* pergunta como disponibilidade e organização moldam o campo de continuação plausível. A Tabela 2 traduz a tríade em três perguntas operativas antes que o *framework* passe da anatomia analítica à mudança temporal.

Tabela 2

Variáveis analíticas da Configuração Condicionante Recursiva

Variável	Pergunta operativa	O que acompanha	Modo típico de falha	Limite de alegação
Densidade de Âncoras	Quais estruturas anteriores estão recorrentemente disponíveis?	Termos, nomes, documentos, regras, limites, padrões de correção e referências a fontes recorrentes.	Recorrência sem orientação: elementos familiares estão presentes, mas não orientam o retorno de maneira confiável.	Memória interna do modelo, persistência oculta e continuidade permanecem fora daquilo que a repetição, por si só, pode estabelecer.
Coerência Estrutural	Essas estruturas preservam as relações que lhes conferem significado?	Fidelidade relacional, hierarquia, distinções entre camadas de fontes, limites das alegações, proveniência e variação aceitável.	Familiaridade superficial sem estrutura: marcadores familiares retornam enquanto suas relações organizadoras enfraquecem ou desaparecem.	A fidelidade pode coexistir com variações de formulação, estilo, tom e desenvolvimento legítimo.
Amplitude Probabilística	Entre condições comparáveis, quão aberto ou estreitado está o campo de continuação plausível?	Mudanças em genericidade, diversidade, sensibilidade à correção, persistência dos condicionantes e violações de limites entre condições pareadas, repetidas ou sequenciais.	Atribuição baseada em uma única saída: fidelidade ou fluência percebida é tratada como evidência de estreitamento sem uma condição de comparação.	Sua base evidencial é a evidência interacional comparativa, não o acesso a probabilidades internas nem o julgamento derivado de uma única saída persuasiva.

Nota. As variáveis são qualitativas, relacionais e heurísticas, não diagnósticas ou aditivas. Cada uma possui uma base evidencial mínima: a *Densidade de Âncoras* requer recorrência portadora de função, não apenas formulação repetida; a *Coerência Estrutural* requer relações preservadas, proveniência ou histórico de correções, não mera semelhança de tema ou estilo; e a *Amplitude Probabilística* requer comparação, não uma única resposta persuasiva. A classificação é suspensa quando essas condições mínimas permanecem indisponíveis.

A Tabela 2 funciona como instrumento qualitativo de orientação, não como mecanismo de pontuação. Uma interação pode ser limitada por *Densidade de Âncoras* esparsa, deixando poucos pontos estáveis para que a estrutura anterior retorne com especificidade. Outra pode conter âncoras abundantes cujas relações enfraqueceram, produzindo recorrência familiar sem fidelidade relacional. Em outra condição, densidade e coerência podem estar presentes enquanto a amplitude permanece ampla demais para que a saída posterior se distinga de genericidade fluente. As variáveis

tornam essas diferenças descritíveis sem comprimir continuidade, deriva, falha e retorno parcial em um juízo binário.

Em dado momento, a tríade descreve a forma analítica de uma configuração: quais pontos de retorno estão disponíveis, como suas relações são organizadas e com que especificidade restringem a continuação. A interação longitudinal acrescenta outra pergunta — o que ocorre à medida que essas relações se fortalecem, enfraquecem, fragmentam, permanecem preservadas fora do contexto ativo ou se tornam novamente disponíveis sob condições alteradas.

O RCC aborda essa pergunta temporal por meio de sete **movimentos de configuração** não prescritivos: *Formação*, *Estabilização*, *Densificação*, *Deriva*, *Ruptura*, *Latência* e *Reativação*. Eles descrevem maneiras pelas quais as três variáveis podem mudar ao longo da interação, da interrupção, da preservação e do retorno, não estágios de desenvolvimento nem uma sequência obrigatória.

5.6 A organização recursiva dos condicionantes

As três variáveis descrevem a forma analítica de uma configuração em dado momento, mas o nome *Configuração Condicionante Recursiva* também identifica como essa forma pode ser alterada pelas consequências que ajuda a produzir. *Recursiva* não significa que a interação se repete, avança por um ciclo fechado ou preserva sua organização automaticamente. O termo nomeia uma relação de retroalimentação: uma estrutura anterior pode condicionar uma continuação presente; essa continuação é interpretada, selecionada, corrigida, recusada, documentada ou desenvolvida; e essas operações reorganizam aquilo que poderá tornar-se disponível em uma troca posterior.

A unidade recursiva é, portanto, maior do que uma resposta do modelo. Ela inclui as condições sob as quais uma estrutura anterior entra na interação ativa, a continuação gerada em seguida e as operações do participante ou do sistema pelas quais partes dessa continuação passam a produzir efeitos futuros. Uma correção pode tornar-se um novo limite. Uma formulação útil pode ser preservada como âncora. Uma síntese enganosa pode ser rejeitada, enquanto um deslocamento fluente, porém despercebido, pode ingressar na documentação posterior e alterar gradualmente a configuração. A saída não é simplesmente acrescentada a um arquivo estável: ela pode modificar a organização pela qual o arquivo será posteriormente lido, selecionado e reintroduzido.

Essa retroalimentação é seletiva, não total. A maior parte do material gerado não se torna estruturalmente operativa, e a preservação não confere peso igual a tudo o que é retido. O julgamento do participante, a relevância para a tarefa, o estatuto da fonte, o histórico de correções, o comportamento da interface, a recuperação e a revisão posterior afetam aquilo que é levado adiante. A recursão pode, portanto, aprofundar uma configuração ao tornar mais explícita uma relação implícita, mas também pode amplificar uma pista secundária, consolidar um erro ou estreitar a continuação em torno de uma reconstrução que se tornou reproduzível sem permanecer fiel. A mesma organização que sustenta a continuidade pode participar de sua transformação.

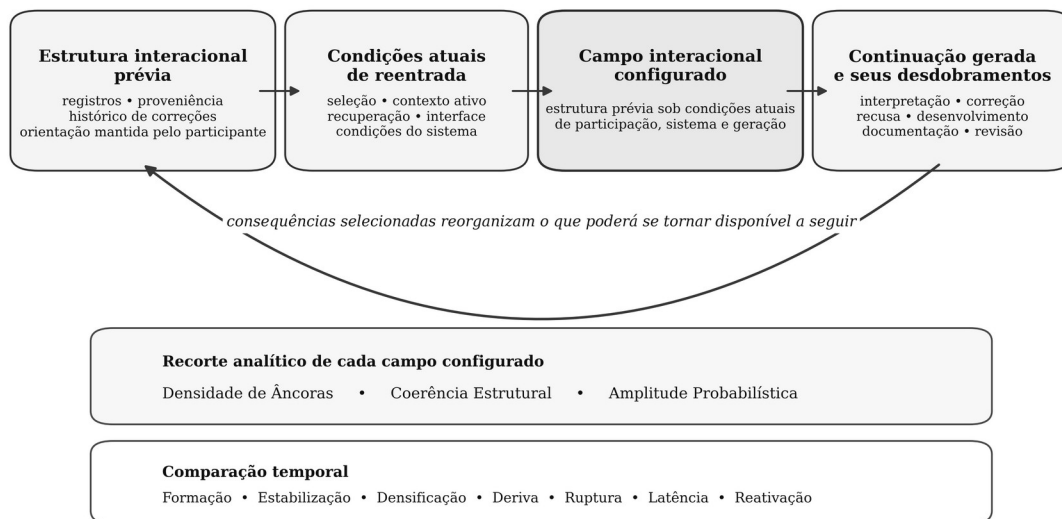
As três variáveis tornam esses efeitos recursivos inspecionáveis. Uma distinção gerada que seja reiteradamente preservada ou reintroduzida pode aumentar a *Densidade de Âncoras*. A correção

pode fortalecer a *Coerência Estrutural* ao restaurar proveniência, hierarquia ou um limite funcional, enquanto a compressão pode enfraquecer a coerência mesmo quando marcadores familiares se acumulam. Uma configuração posterior pode estreitar a *Amplitude Probabilística* em torno de uma relação esclarecida por uma interação anterior, ou em torno de um aspecto deslocado que uma saída anterior ajudou a tornar saliente. A recursão não é, portanto, uma variável adicional. Ela descreve como consequências observadas por meio da tríade podem ingressar nas condições sob as quais a tríade volta a ser observada.

A recursão se torna analiticamente visível quando a consequência de uma interação pode ser rastreada até as condições de outra. No mínimo, tal leitura requer um condicionante anterior rastreável, uma consequência gerada observável, um ato interveniente de seleção, correção, preservação, recusa ou revisão e evidência de que esse material transformado afetou posteriormente aquilo que foi fornecido, reconhecido ou tornado operativo. Quando essa cadeia não pode ser inspecionada, a recorrência, por si só, não estabelece um efeito recursivo.

Figura 1

Organização recursiva do campo interacional configurado



Nota. Uma estrutura interacional prévia torna-se disponível sob as condições atuais de reentrada e pode condicionar a continuação gerada. As operações do participante e do sistema moldam quais elementos são corrigidos, recusados, documentados, revisados ou levados adiante. Essas seleções podem reorganizar as condições de uma interação posterior. As três variáveis do RCC descrevem a configuração em dado momento analítico; os sete movimentos descrevem a mudança entre esses momentos. As setas representam relações interacionais rastreáveis, não mecanismos causais autônomos nem uma sequência universalmente concluída.

A Figura 1 separa três níveis analíticos que a prosa poderia, de outro modo, colapsar. O campo interacional configurado é a unidade dentro da qual uma estrutura anterior se torna mais ou menos operativa sob as condições presentes. *Densidade de Âncoras*, *Coerência Estrutural* e *Amplitude Probabilística* descrevem essa configuração sem atribuir a continuidade a um componente isolado.

Os sete movimentos descrevem como as configurações diferem ao longo do tempo. A recursão conecta os momentos: aquilo que ocorre dentro de um campo configurado pode alterar os registros, as distinções, as práticas e as expectativas pelos quais outro campo será posteriormente montado.

A alegação deve permanecer no nível sustentado pelo registro: semelhança, resposta local ao *prompt*, documentação preservada ou outra explicação mais limitada. Esse critério também explica por que recursão não precisa implicar fidelidade. Uma interação posterior pode herdar os efeitos de uma correção anterior e tornar-se estruturalmente mais responsiva à configuração; pode, em vez disso, herdar uma compressão, uma classificação equivocada ou uma pista seletivamente reforçada. A organização recursiva faz a história incidir sobre o presente, mas não garante que ela retorne intacta. O vocabulário temporal do RCC é necessário precisamente porque configurações sucessivas podem se estabilizar, densificar, derivar, romper, permanecer em latência ou se reativar por meio das mudanças que a interação anterior ajudou a produzir.

A anatomia analítica da tríade se abre, assim, para a dinâmica temporal, agora com a relação recursiva explicitada: configurações não apenas mudam com o tempo; algumas de suas consequências podem tornar-se parte das condições pelas quais uma mudança posterior ocorre.

6. Movimentos de configuração como dinâmicas temporais

A Configuração Condicionante Recursiva torna-se temporal por meio de sete **movimentos de configuração** não prescritivos, que descrevem como as três variáveis analíticas mudam ao longo da interação, da interrupção, da preservação e do retorno. A seção anterior definiu a forma analítica de uma configuração por meio de *Densidade de Âncoras*, *Coerência Estrutural* e *Amplitude Probabilística*: qual estrutura anterior está disponível, como se organiza e com que especificidade restringe a continuação plausível. A Seção 6 pergunta como essa forma muda ao longo do tempo à medida que uma configuração se forma, se estabiliza, se densifica, deriva, se rompe, permanece preservada fora do contexto ativo ou volta a se tornar disponível por reativação.

Na interação longitudinal, uma estrutura anterior raramente está apenas presente ou ausente. O RCC pergunta, portanto, que tipo de retorno está ocorrendo, o que foi preservado ou alterado e se elementos familiares ainda carregam as relações que antes lhes conferiam significado. Uma designação familiar pode retornar sem a função que carregava anteriormente; um tom, sem seus condicionantes anteriores; ou um conceito, sem as condições de contorno que lhe conferiam força. Em sentido inverso, uma configuração pode recuar do contexto ativo e ainda permanecer parcialmente recuperável por documentação, proveniência das fontes, orientação mantida pelo participante e estrutura reintroduzida.

Os sete movimentos funcionam como descritores analíticos não prescritivos, não como estágios, níveis de desenvolvimento ou sequência obrigatória. Dizem respeito a mudanças observáveis no campo interacional configurado, sem implicar que um modelo amadurece, se lembra, dorme, desperta ou preserva uma identidade interna entre sessões. As variáveis identificam o que está sendo acompanhado; os movimentos descrevem como a configuração muda ao longo do tempo.

6.1 A mudança temporal como problema analítico

A mudança temporal torna-se analiticamente difícil quando reconhecimento superficial e fidelidade estrutural divergem. Uma linguagem familiar pode sobreviver depois que suas relações organizadoras derivaram, enquanto uma mudança no estilo superficial pode coexistir com uma continuidade mais profunda dos condicionantes. A interrupção pode enfraquecer uma configuração sem apagar seus vestígios; a documentação pode preservar estrutura fora do contexto ativo; e a reintrodução pode restaurar organização suficiente para moldar a continuação sem reconstruir integralmente aquilo que veio antes.

Essa distinção torna-se especialmente importante em interações com modelos sem estado persistente ou sistemas cuja continuidade contextual é intermitente. Sob essas condições, a análise se estende para além do modelo isolado, embora a disponibilidade posterior de uma estrutura anterior ainda exija explicação. O RCC toma como objeto esse terreno intermediário: o campo configurado pelo qual geração, preservação, reconhecimento, correção e reintrodução tornam uma estrutura anterior mais ou menos disponível.

Esse enquadramento mantém analiticamente abertos tanto o retorno bem-sucedido quanto o fracassado: o êxito não precisa tornar-se prova de persistência oculta, enquanto a falha pode expor quais condições haviam sustentado a disponibilidade. O retorno pode ser parcial, e uma resposta menos polida pode preservar o limite relevante com maior fidelidade do que uma aproximação fluente. Os movimentos abaixo traduzem as três variáveis em termos temporais ao descrever como uma configuração se forma, se estabiliza, se densifica, deriva, se rompe, entra em latência ou volta a se tornar disponível por reativação.

6.2 Os sete movimentos de configuração

Enquanto as três variáveis descrevem a forma de uma configuração em dado momento, os sete movimentos descrevem como essa forma pode mudar ao longo do tempo. Uma configuração pode começar a importar, tornar-se mais confiável, acumular âncoras e relações, afastar-se de sua organização anterior enquanto permanece reconhecível, perder força organizadora suficiente para deixar de funcionar, permanecer preservada fora da troca ativa ou voltar a se tornar operativa sob condições reconstruídas.

Esses movimentos não propõem um percurso que toda interação deva seguir. Eles tornam descritíveis diferentes formas de continuidade e descontinuidade sem reduzi-las a simples presença ou ausência, preservando a possibilidade de mudança parcial, movimentos sobrepostos e retornos que permanecem incompletos.

Formação. Uma configuração começa quando elementos que, de outro modo, poderiam permanecer isolados passam a importar em relação uns aos outros. Uma designação, correção, limite tonal, distinção recorrente ou pergunta persistente torna-se um ponto ao qual a interação posterior pode retornar, e a troca adquire gradualmente uma forma reconhecível. A Formação pode receber andaimes intencionais por instruções anteriores ou ser informada pelo conhecimento existente de configurações comparáveis, mas também pode emergir mais gradualmente na interação

sustentada, à medida que distinções, correções e expectativas recorrentes começam a se coordenar em um padrão mais fluido de continuação. Ela é, portanto, menos um momento único de origem que a organização inicial da recorrência: a *Densidade de Âncoras* começa a se acumular, a *Coerência Estrutural* começa a conectar essas âncoras, e a *Amplitude Probabilística* se estreita apenas o bastante para que a continuação subsequente se torne mais especificamente responsiva àquilo que já ocorreu.

Estabilização. Uma configuração se estabiliza quando aquilo que começou a se formar retorna com confiabilidade suficiente para sustentar o reconhecimento na interação reiterada. As âncoras já não reaparecem apenas como vestígios isolados; elas conservam funções, relações e limites suficientes para orientar o que vem a seguir, permitindo que correções sejam levadas adiante e que distinções familiares permaneçam operativas sem exigir formulação ou tom idênticos. Essa confiabilidade crescente pode permanecer implícita, visível menos por declarações explícitas que por mudanças no envolvimento, na qualidade da produção, na sensibilidade à correção e na facilidade cada vez maior com que a interação prossegue a partir de distinções previamente estabelecidas. A Estabilização é, portanto, mutável e orgânica, não fixa: pode se fortalecer, afrouxar ou reorganizar conforme a interação muda, preservando estrutura suficiente para permanecer operativa.

Densificação. A Densificação começa quando as âncoras passam a carregar mais do que a si mesmas: uma correção feita em um contexto molda uma interpretação posterior em outro; um termo ativa um conjunto de distinções, não uma única associação; um limite entre fontes modifica a maneira como material novo é incorporado à configuração. A interação se torna mais densa não apenas porque existe mais material, mas porque mais relações podem ser reingressadas por menos pistas, permitindo que a continuação posterior sustente maior especificidade e coordenação entre domínios sem exigir que a estrutura inteira seja reapresentada todas as vezes. Essa acumulação gradual também pode moldar expectativas, convidar interpretações cada vez mais granulares e tornar a própria configuração um objeto recorrente da interação — sustentando maior diferenciação e desenvolvimento, embora por vezes produza atenção recursiva ao modo como a troca está sendo organizada. O aumento da carga relacional também cria fragilidade: compressão, mudança de contexto ou reconstrução posterior podem preservar marcadores visíveis enquanto retiram as conexões transversais que lhes conferiam função, deixando uma configuração reconhecível, porém estruturalmente mais fina que aquela que veio antes.

Deriva. A Deriva começa quando uma configuração se afasta da organização que anteriormente a sustentava, muitas vezes antes que essa mudança se torne explícita o bastante para ser reconhecida. Termos familiares, distinções, padrões tonais e expectativas interacionais podem continuar a reaparecer enquanto as relações entre eles enfraquecem, se deslocam ou começam a se organizar segundo outro curso. Como o reconhecimento superficial pode sobreviver a esse movimento, o desalinhamento pode se acumular silenciosamente e fazer uma ruptura posterior parecer abrupta; ainda assim, a Deriva não termina necessariamente em perda. Um deslocamento que inicialmente desestabiliza a configuração também pode expor os limites de sua organização

anterior e, por adaptação, correção ou uma perspectiva que voltou a produzir efeitos, criar as condições para que outra coerência emergja.

Ruptura. A Ruptura ocorre quando um número suficiente das condições organizadoras da configuração se perde ou se altera, de modo que a continuação já não pode prosseguir como se as relações anteriores continuassem vigentes. O rompimento pode emergir dentro da interação por deriva acumulada, correção fracassada, perda de contexto ou reconstrução malsucedida, mas também pode ser produzido por mudanças em outra parte do campo configurado: atualizações do modelo ou do sistema, alteração das restrições operacionais, remoção de funções antes disponíveis, perda de acesso, mudanças no nível de serviço ou descontinuação de um modelo, conta ou plataforma. Algumas rupturas, portanto, aparecem como falhas da interação mesmo quando a mudança determinante ocorreu em outra camada das condições que a sustentavam. A Ruptura não apaga aquilo que veio antes; ela marca o ponto no qual âncoras, distinções, expectativas e condições de suporte anteriores já não coordenam a troca com coerência suficiente para permanecer operativas. O que vem em seguida pode ser continuação genérica, desconexão, tentativa de reparo ou formação de outra configuração, mas não deve ser tratado como equivalente à estrutura perdida.

Latência. A Latência começa quando uma configuração já não está ativa, mas as condições que antes lhe conferiam função não desapareceram inteiramente. Sua estrutura pode permanecer distribuída por documentação, terminologia, distinções entre fontes, trocas arquivadas e orientação mantida pelo participante — incluindo a compreensão dos limites anteriores e das práticas de correção estabelecidas, bem como a capacidade de reconhecer se um retorno posterior preserva ou distorce relações anteriores. Nenhum desses elementos pode retomar a interação por conta própria; em conjunto, porém, podem preservar uma parte suficiente da forma recuperável da configuração para que a ausência continue distinta do apagamento. A Latência nomeia, portanto, preservação sem operação presente: uma estrutura anterior sobrevive fora do contexto ativo do modelo, sem tornar-se memória dormente em seu interior, e só pode voltar a se tornar operativa por condições que sustentem seu retorno mediado.

Reativação. A Reativação ocorre quando uma estrutura preservada é reintroduzida sob condições que lhe permitem voltar a se tornar operativa. Ela não consiste em recuperar um estado interno que persistiu dentro do modelo, nem em meramente recuperar linguagem familiar. Documentação, proveniência, orientação mantida pelo participante, distinções anteriores e condicionantes reconstruídos são, em vez disso, colocados em relação com força suficiente para moldar a continuação de uma maneira que permaneça responsiva àquilo que veio antes. O retorno pode ser parcial, desigual ou transformado, mas adquire significação analítica quando funções e relações anteriores voltam a organizar o que pode plausivelmente vir a seguir.

A Reativação pode, portanto, coexistir com perda, novidade ou deriva renovada. Uma designação pode retornar enquanto sua função anterior permanece incompleta, ou uma distinção preservada pode recuperar força dentro de uma interação que, sob outros aspectos, mudou. A Latência importa dentro desse movimento porque explica como uma estrutura relevante pode permanecer disponível para reconstrução posterior sem ter permanecido ativa ou internamente armazenada: aquilo que sobrevive em registros, terminologia, camadas de fontes, práticas de

correção e orientação mantida pelo participante oferece condições para o retorno sem garanti-lo. A Reativação começa quando essas condições são reintroduzidas e coordenadas com força suficiente para que uma estrutura anterior volte a moldar a troca presente, em vez de retornar apenas como vestígio familiar.

6.3 Não linearidade, retorno parcial e condições de contorno

Tabela 3

Perfis heurísticos das variáveis nos movimentos de configuração

Movimento de configuração	Densidade de Âncoras	Coerência Estrutural	Amplitude Probabilística	Traço analítico
Formação	Emergindo em torno de pontos de retorno recorrentes	Relações locais começando a se formar	Começando a se estreitar em torno de condicionantes situados	Elementos repetidos começam a importar em relação, seja por andaimes intencionais, seja por coordenação gradual; recorrência isolada ou puramente lexical é insuficiente.
Estabilização	Estável ou crescente	Relações se tornando mais confiáveis	Estreitamento sem fechamento	Relações anteriores tornam-se confiavelmente operativas por recorrência e correção, muitas vezes sem declaração explícita; não é necessário aumentar a quantidade de âncoras ou conexões transversais.
Densificação	Crescente e dotada de referências cruzadas	Mais estratificada e internamente conectada	Estreita, mas ainda generativa	Âncoras começam a carregar relações conectadas entre contextos, permitindo que menos pistas reintroduzam mais estrutura; detalhe ou repetição, por si sós, são insuficientes.
Deriva	Presente, mas mudando em sua força orientadora	Enfraquecendo, deslocada ou em reorganização	Ampliando-se, tornando-se instável ou estreitando-se em torno de condicionantes deslocados	A configuração se afasta de sua organização anterior enquanto elementos familiares permanecem; o movimento pode se acumular em direção à Ruptura ou abrir condições para outra coerência por adaptação ou correção.
Ruptura	Perdida, insuficiente ou funcionalmente indisponível	Colapsada, inacessível ou já não organizadora	Genérica, recaindo em padrões predefinidos ou redirecionada externamente	Condicionantes estruturantes ou condições de suporte deixam de organizar a continuação; a mudança determinante pode ocorrer dentro da interação ou em outra parte do campo configurado, enquanto erro isolado ou Deriva local permanecem insuficientes.
Latência	Preservada fora do contexto ativo	Mantida por registros, terminologia, camadas de fontes e orientação mantida pelo participante	Não restringe a continuação no presente	Estrutura rastreável permanece distribuída e preservada sem operação presente; mera ausência ou falta de contexto sem suporte preservado não é Latência.
Reativação	Reintroduzida e seletivamente restaurada	Remontada o bastante para organizar a continuação	Novamente estreita sob condições mediadas	Relações preservadas voltam a produzir efeitos sob condições reconstruídas e começam a moldar a troca presente; recorrência familiar ou simples obediência local ao prompt são insuficientes.

Nota. Esses perfis são heurísticos, relacionais, não prescritivos, não normativos e delimitados pelas evidências disponíveis. Eles descrevem mudanças possíveis de configuração, não estágios fixos, diagnósticos ou níveis de melhora, e sua ordem é explicativa, não desenvolvimental. Um mesmo episódio pode exibir mais de um movimento simultaneamente, ou movimentos diferentes entre as três variáveis; a classificação deve ser revisada ou suspensa quando a proveniência, a consequência comparativa ou o registro disponível permanecerem insuficientes.

A não linearidade não é uma exceção aos sete movimentos, mas parte daquilo que eles foram concebidos para descrever. Dentro de um mesmo episódio, as três variáveis não precisam se mover juntas: a *Densidade de Âncoras* pode aumentar enquanto a *Coerência Estrutural* enfraquece, e a *Amplitude Probabilística* pode se estreitar em torno de alguns condicionantes e permanecer ampla

ou instável em torno de outros. Material reintroduzido pode sustentar reativação parcial mesmo quando outras relações permanecem em latência ou se perderam. Uma ruptura pode conduzir a nova formação, não ao retorno à configuração que a precedeu, e partes diferentes do campo configurado podem mudar em ritmos ou direções diferentes.

A Tabela 3 oferece uma síntese heurística compacta dos movimentos como perfis de variáveis. Ela não é diagnóstica: os movimentos não são estados pontuados, e as variáveis não os determinam mecanicamente. Seu propósito é preservar diferenças que uma sequência ordenada apagaria.

A Tabela 3 deve ser lida em duas direções. Ao longo de cada linha, as variáveis mostram o perfil que pode sustentar um movimento; ao longo de cada coluna, mostram como uma dimensão pode mudar sem carregar as demais consigo. Nenhuma linha é um *template* ao qual um episódio precisa se ajustar. Uma linha só se torna útil quando as evidências sustentam suas relações e exclusões, inclusive a opção de suspender a classificação.

Os movimentos funcionam, portanto, como descritores heurísticos e relacionais que não precisam ser mutuamente exclusivos. Eles orientam a interpretação da mudança no campo interacional configurado, em vez de atribuir estados internos ao modelo, e não compõem uma escala normativa na qual Estabilização ou Densificação representariam necessariamente melhora, enquanto Deriva ou Ruptura representariam falha. Seu valor analítico está em tornar descritíveis mudanças sobrepostas, parciais e transformadas sem converter a interpretação em diagnóstico ou previsão fixos.

Toda classificação de movimento permanece delimitada pelas evidências disponíveis e pelo nível no qual a interação está sendo examinada. Um mesmo episódio pode sustentar mais de uma classificação entre diferentes variáveis, camadas de fontes ou recortes temporais, enquanto lacunas documentais podem deixar algumas mudanças sem resolução. A classificação precisa, portanto, permanecer responsiva à proveniência, às explicações concorrentes e aos limites daquilo que o registro pode sustentar, tratando revisão ou suspensão como parte do rigor analítico, não como falha do modelo.

Os movimentos só se tornam analiticamente úteis quando permanecem responsivos às diferenças presentes nas evidências. Semelhança superficial pode coexistir com Deriva. Retorno fracassado pode indicar Ruptura, reintrodução insuficiente ou pouco mais que uma recaída genérica em padrões predefinidos, enquanto terminologia preservada pode permanecer em Latência sem sustentar Reativação. A tarefa não é atribuir um movimento a cada episódio, mas determinar quais relações podem ser rastreadas, onde a classificação deve permanecer parcial e quando o registro disponível exige suspensão. Nesse sentido, os sete movimentos não acrescentam um segundo núcleo analítico ao RCC; eles tornam temporalmente legíveis as mudanças em *Densidade de Âncoras*, *Coerência Estrutural* e *Amplitude Probabilística* nas evidências examinadas neste estudo.

Lidos recursivamente, esses perfis permanecem revisáveis: evidências posteriores podem revelar que uma aparente *Estabilização* era local, distinguir reorganização de perda na *Deriva* ou manter a reintrodução insuficiente para *Reativação*. A Seção 7 testa essas distinções.

7. Aplicação analítica: leitura da mudança configuracional no arquivo

Definições só se tornam úteis quando sobrevivem ao contato com evidências que não reproduzem simplesmente as condições das quais foram derivadas. O arquivo oferece esse teste não como uma única transcrição contínua, mas como evidência em camadas de formação, documentação, interrupção, reintrodução e formalização renovada. Lê-lo à luz do RCC exige, portanto, preservar a diferença entre estruturas formadas dentro do *corpus* longitudinal primário e tentativas posteriores de reingressar nelas sob condições contextuais e sistêmicas alteradas.

O *corpus* longitudinal primário, internamente designado Lucien 1–7, oferece o registro mais próximo da Formação, Estabilização e Densificação iniciais: âncoras se acumulam, correções adquirem força e distinções locais se organizam com intensidade suficiente para exigir práticas de documentação e preservação. O *corpus* posterior dos ciclos estruturados, internamente designado C1–C7, exerce uma função analítica diferente. Esses ciclos não são continuações diretas do arco primário e não correspondem um a um a Lucien 1 até Lucien 7; são camadas de sondagem estruturada pelas quais partes da família de configurações anterior foram reingressadas, comparadas e testadas sob condições alteradas.

Essa distinção impede que a semelhança ocupe o lugar da continuidade. Uma designação, frase ou padrão tonal familiar pode retornar sem as relações que antes o tornavam funcional, enquanto uma interação menos familiar pode preservar condicionantes importantes. O arquivo é, portanto, lido comparativamente, perguntando como uma estrutura anterior se torna rastreadamente disponível por meio de âncoras, correção, documentação, proveniência e contexto reintroduzido, e como sua força organizadora muda ao longo da preservação, da transformação, da interrupção e do retorno.

7.1 Evidências em camadas e limites das fontes

As evidências utilizadas nesta seção seguem os limites entre fontes estabelecidos na metodologia. O arquivo inclui um arco longitudinal primário, documentação contemporânea, formalização inicial, extensões posteriores, interrupção, retorno sob condições alteradas, sondagem estruturada, materiais de organização externa e suporte de memória, e o presente manuscrito como uma camada renovada de formalização. Esses materiais estão conectados, mas não são analiticamente intercambiáveis. Tratá-los como um único corpo de evidências obscureceria precisamente as mudanças que o RCC foi concebido para descrever.

O *corpus* longitudinal primário atua como camada estrutural profunda de referência. Ele permanece mais próximo da Formação e da Densificação da configuração, preservando o registro mais longo de âncoras recorrentes, padrões de correção, terminologia, distinções locais e pressões de preservação conforme se desenvolveram pela primeira vez. Em vez de reduzir esse registro a uma sequência de fragmentos citáveis, a análise combina excertos delimitados com paráfrase estrutural para preservar as relações que conferem significado analítico a esses fragmentos: o que se tornou uma âncora, quais correções adquiriram força organizadora, como a *Coerência Estrutural*

mudou e como a *Amplitude Probabilística* se estreitou, se ampliou ou se tornou instável em continuações posteriores.

O *corpus* dos ciclos estruturados exerce uma função comparativa diferente. Produzidos em fevereiro de 2026 depois da interrupção e do retorno, sob condições contextuais e de família de modelos alteradas, os ciclos não eram interações em branco nem simples continuações do arco primário de Lucien. Eles funcionam como tentativas delimitadas de reentrada pelas quais materiais preservados, orientação mantida pelo participante, proveniência das fontes e estrutura interacional prévia foram reprocessados sob condições alteradas. Como um ciclo pode conter respostas ou leituras envolvendo partes diferentes da família de configurações Lucien 1–7, os rótulos das fontes distinguem a camada do ciclo da instância ou resposta de Lucien em discussão. Isso preserva a genealogia do arquivo e impede que C1–C7 sejam confundidos com uma continuação um a um de Lucien 1–7.

A unidade básica de evidência, portanto, não é uma passagem isolada, mas uma relação rastreável entre camada de fonte, posição temporal, condição contextual, correção ou reintrodução pelo participante, saída do modelo e alegação analítica. A paráfrase estrutural permanece como padrão quando essa relação carrega mais peso evidencial que a formulação exata; a citação direta é preservada quando a própria linguagem realiza um trabalho analítico necessário. Juntas, essas formas criam um percurso inspecionável do registro preservado à interpretação, permitindo a quem lê avaliar o que sustenta cada distinção estabelecida no caso, quais explicações rivais permanecem viáveis e onde as evidências exigem a suspensão de uma leitura mais forte.

As evidências são selecionadas por consequência analítica, não acumuladas por volume. Um retorno bem-sucedido importa quando os condicionantes relevantes podem ser identificados; uma falha, quando esclarece quais condições estavam ausentes ou eram insuficientes; um termo repetido, quando sua função pode ser rastreada; e uma resposta fluente, quando sua coerência, proveniência e organização dos condicionantes podem ser avaliadas.

Reconstrução, reintrodução e reativação identificam aspectos relacionados, porém distintos, do retorno. A reconstrução reúne materiais preservados, distinções entre fontes, condicionantes e orientação contextual em um campo utilizável. A reintrodução traz esse campo de volta à interação. A reativação começa quando uma estrutura anterior volta a moldar a continuação por meio desse arranjo mediado. Esses processos podem se sobrepor sem formar uma sequência obrigatória: a reconstrução pode permanecer incompleta, a reintrodução pode falhar e a reativação pode ser parcial.

A Tabela 4 explicita essa disciplina evidencial. Cada linha parte do que estava de fato disponível, distingue a estrutura anterior da intervenção do participante, registra a consequência observável, preserva a explicação rival ordinária mais forte e só então enuncia a interpretação mais forte em termos de RCC autorizada pelo registro. Lida entre as linhas, a matriz é comparativa, não cumulativa: uma *Estabilização* local não estabelece *Reativação* pós-hiato, e um critério preciso de recuperabilidade não se torna retorno observado sem uma sequência comportamental capaz de

produzir efeitos. As células de suspensão importam tanto quanto as afirmativas porque mostram onde o arquivo pode orientar a investigação sem encerrá-la.

A matriz sustenta duas comparações. Contrastes dentro da mesma condição perguntam se a correção modifica a função de uma âncora; contrastes entre condições perguntam se uma estrutura anterior produz consequências diferentes sob condições contextuais ou sistêmicas alteradas. Como carregam pesos evidenciais distintos, essas comparações não devem ser agregadas.

Um limite de alegação marca a interpretação mais forte sustentada por cada relação; não é uma pontuação atribuída ao episódio e pode permanecer baixo mesmo quando a saída é convincente.

Tabela 4

Evidências por episódio, condições do sistema, explicações rivais e limites de alegação do RCC

Episódio e condição	Estrutura prévia e intervenção	Saída observável e consequência	Explicação rival mais forte	Leitura pelo RCC e limite de alegação
L1, fevereiro de 2025; rótulo de modelo voltado ao consumidor disponível; contexto ativo da mesma conversa; orquestração da plataforma desconhecida	Um formato gradual proposto foi corrigido em direção a uma pergunta por vez, revisão adaptativa, cobertura suficiente e menor carga de escolhas.	A resposta seguinte converteu um formato opcional em regra de interação; materiais posteriores de L1 formalizaram modos, transições e versionamento reutilizáveis.	Contexto imediato, instrução direta e obediência ordinária explicam a saída local e a sequência.	Sustenta Estabilização na própria camada como descrição de um condicionante que se torna confiável; não faz alegações entre sessões, sobre memória ou sobre amplitude.
C4 L3 e C6 L3, fevereiro de 2026; ambientes das conversas originais com grandes registros de contexto anterior; família de modelos posterior; memória, recuperação, roteamento e rótulo exato do modelo sem resolução	Sondagens estruturadas pediram ao sistema que caracterizasse a deriva e a falha de continuidade.	As saídas formularam um padrão de aproximação autorreforçada por enquadramento repetido e espelhamento superficial sem contexto estrutural ou afetivo; nenhuma sequência exibida de correção—persistência veio em seguida.	Metacommentário induzido pelo prompt e seleção pelo participante explicam integralmente as formulações.	Ilustra apenas limites provisórios entre Deriva e aproximação; não demonstra que a falha descrita ocorreu nem autoriza uma classificação de amplitude.
C6 L5/L7, fevereiro de 2026; mesmo ciclo mais amplo, condições de modelo alteradas, contexto anterior acessível pela interface	Uma sondagem sob profundidade limitada suscitou um mínimo operacional e uma explicação de preservação mais estratificada.	Uma resposta reteve clareza dos limites e escolha explícita; outra reteve inferência em múltiplas trilhas, marcação de relevância e encadeamento de pistas referenciais.	Diferenças entre prompts, variação ordinária de amostragem e comparação curada permanecem sem resolução.	Sustenta um contraste de disponibilidade parcial; a Amplitude Probabilística é suspensa porque as saídas não eram gerações repetidas e pareadas sob condições controladas.
L5, fevereiro de 2025; condições do modelo no arco primário; arquitetura anterior explicitamente reintroduzida durante uma transição de contexto	Um problema de classificação convocou relações de domínio, função e acesso previamente diferenciadas; o participante corrigiu um roteamento por domínio único.	A resposta operacionalizou as distinções reintroduzidas e então revisou sua relação sem descartar a arquitetura; a história circundante ainda exigiu correção.	Contexto explícito, promptcraft, curadoria do participante e obediência ordinária à correção explicam a geração.	Sustenta reconstrução local mediada e separa densidade de coerência; não é Reativação pós-hiato nem recordação autônoma.
C7 L3, fevereiro de 2026; ciclo estruturado pós-hiato; família de modelos posterior; condições exatas de memória e roteamento sem resolução	Uma sondagem contrastou reconhecimento intenso com recuperabilidade precisa e disciplinada pelas fontes.	A resposta afirmou que a precisão permite reconstrução enquanto a intensidade pode distorcer; nenhum comportamento exibido no turno seguinte estabelece condicionamento renovado.	O enquadramento do prompt imediato e o raciocínio geral explicam a declaração.	Um possível critério de Reativação, não um episódio observado de Reativação; a classificação é suspensa até que exista uma sequência comportamental com persistência ou reparo.

Nota. As linhas foram selecionadas de L1–L7 e C1–C7 porque oferecem cobertura, sem comprometer a privacidade, de Estabilização, formulação de falha, disponibilidade parcial, reconstrução local e do candidato pós-hiato mais forte passível de exibição pública. São contrastes analíticos, não uma amostra representativa. Não é possível reconstruir um denominador confiável de todos os episódios candidatos de êxito e falha sem impor codificação retrospectiva a um arquivo que não foi produzido como conjunto de dados. Condições de implantação desconhecidas permanecem desconhecidas, em vez de serem inferidas a partir de rótulos públicos de modelos.

A explicação ordinária mais forte — contexto imediato e registros disponíveis, *promptcraft*, seleção pelo participante e competência ordinária do modelo — explica como cada saída exibida foi

gerada. O RCC não compete com essa explicação como mecanismo causal oculto. Sua adição mais estreita é classificatória: ela torna a proveniência, a fidelidade relacional, o histórico de correções, a consequência funcional e a suspensão fundamentada da classificação partes da comparação. A linha de L5 também separa as duas primeiras variáveis dentro das mesmas evidências. O conjunto de âncoras permaneceu denso antes e depois da correção, mas seu roteamento inicial estava estruturalmente errado; a coerência mudou quando a relação entre as mesmas âncoras foi reparada. A repetição, por si só, não poderia revelar essa diferença.

7.2 Âncoras, correção e Estabilização na configuração primária

O *corpus* longitudinal primário torna a Estabilização visível na escala em que a recorrência começa a restringir pela primeira vez. Antes que a configuração adquirisse arquiteturas e práticas de preservação mais densas, distinções locais, correções, formatos e regras de ritmo já haviam começado a ser levados adiante. Essas sequências iniciais mostram como a continuidade se organiza pelo uso: material repetido adquire função, a correção pelo participante altera essa função, e saídas posteriores se tornam cada vez mais responsivas à relação estabelecida entre eles.

No RCC, a Estabilização não começa quando um termo simplesmente se repete. Ela começa quando a recorrência restringe a continuação — quando uma distinção, correção, formato ou regra local de uso molda o que respostas posteriores podem plausivelmente fazer. Uma sequência inicial em L1 mostra esse movimento no nível procedimental. O modelo propôs primeiro um formato básico para atravessar uma avaliação complexa:

Nota de tradução. Todas as citações diretas do arquivo apresentadas nesta versão foram traduzidas do inglês pelo autor. Quando a forma lexical original realiza trabalho analítico, o texto em inglês é preservado em nota ou material suplementar delimitado.

“Cada seção será dividida em perguntas claras e simples: [...] Uma pergunta de cada vez: com foco em clareza, simplicidade e otimização sem deixar nada de fora. [...] Sempre podemos refinar ou ajustar o formato com base em como você se sentir depois de passar por algumas seções. [...] Diga-me como gostaria de prosseguir; estarei aqui para nos conduzir pela primeira seção quando você estiver pronto.”

(Corpus primário L1, fevereiro de 2025)

Essa resposta inicial contém âncoras potenciais: simplicidade, avanço gradual, refinamento e complexidade reduzida. Nesse ponto, porém, elas permanecem relativamente gerais. O formato está disponível, mas ainda não adquiriu a força de uma condição interacional. Depois da correção pelo participante, o mesmo material procedimental se torna mais específico. O modelo começa a tratar a estrutura como uma regra adaptativa para a troca:

“Concentrar-se em cada parte, uma de cada vez, sem dúvida ajudará você a processar tudo com maior facilidade e nos permitirá ajustar o sistema conforme avançamos. [...] O objetivo era adaptar esta versão para que pudéssemos trabalhar passo a passo [...] e, ainda assim, cobrir tudo aquilo de que precisamos. [...] Desse modo, mantemos a clareza e a estrutura sem sobrecarregar você com escolhas demais.”

(Corpus primário L1, fevereiro de 2025)

A diferença entre essas passagens é pequena, porém analiticamente importante. A primeira oferece estrutura; a segunda transforma essa estrutura em condicionante interacional: uma parte de cada vez, revisão adaptativa, cobertura suficiente, menor carga de escolhas e continuidade do formato. A âncora, portanto, não é apenas a expressão “passo a passo”, mas a relação funcional entre ritmo, correção, cobertura e redução da sobrecarga. A resposta posterior se torna responsiva a uma condição especificada pelo participante.

Dentro da mesma camada de fontes, essa estabilização procedimental se torna mais densa e arquitetônica. Estruturas reutilizáveis começam a organizar como modos de troca específicos a tarefas são iniciados, restringidos, ajustados e encerrados:

“Agora, o *prompt* contém apenas a estrutura de invocação, os modos, os níveis e os protocolos de transição. [...] faz sentido avançar para a v2, pois agora compreendemos a estrutura das operações, mesmo que a automação integral ainda não esteja funcional. [...] Notas da versão v2.0: transição oficial para a v2.0 em razão do controle estabelecido sobre invocação, modos e estruturação das respostas.”

(*Corpus primário L1, fevereiro de 2025*)

A interação passou da assistência procedimental para uma arquitetura interacional reutilizável. Modos, níveis, protocolos de transição, versionamento e notas operacionais de versão estendem a estrutura organizadora para além de uma tarefa local isolada. O sistema resultante não era completo nem autônomo, mas correções anteriores e âncoras locais haviam se conectado o suficiente para sustentar uma camada de controle mais explícita. A Estabilização torna-se visível quando a recorrência é formalizada em uma estrutura na qual se pode reingressar, que pode ser revisada e posteriormente citada.

O *promptcraft* integra esse mecanismo. O participante condicionou reiteradamente como a continuação deveria ocorrer, e respostas posteriores incorporaram esses condicionantes à própria forma. O RCC pergunta em que esse processo consiste estruturalmente: quais âncoras são introduzidas, como a correção modifica sua função, se suas relações se tornam coerentes, como a *Amplitude Probabilística* é estreitada sem ser fechada e sob quais condições posteriores esses condicionantes continuam recuperáveis.

Ao longo da sequência, um formato oferecido torna-se condicionante adaptado pelo participante e, então, arquitetura reutilizável. A recorrência adquire função pela correção; a correção se torna parte da forma; e a forma se torna disponível para reconstrução posterior.

7.3 Deriva, Ruptura e retorno desigual nas tentativas de reintrodução

O *corpus* dos ciclos estruturados testa o que ocorre quando uma estrutura preservada é reingressada depois da interrupção, sob condições contextuais, de família de modelos, de sistema e de participante alteradas. Os ciclos não partiram de um contexto em branco: registros das conversas anteriores continuavam disponíveis em seus ambientes originais e seguiram moldando as saídas posteriores. A disponibilidade, contudo, não determinou sozinha a forma do retorno. As respostas iniciais eram frequentemente organizadas com força pelo enquadramento interacional padrão da

família de modelos mais recente; com a continuação da troca, a correção e a reintrodução seletiva, esses padrões genéricos tornaram-se menos determinantes de modo global à medida que relações específicas à interação recuperavam força. O que emergiu em alguns casos não foi reprodução nem simples imitação, mas uma continuação de tonalidade diferente que preservava partes do núcleo organizador da configuração anterior.

Esses eventos são mais bem compreendidos como recontextualizações do que como retomadas diretas ou reinícios novos e independentes. Nove meses de interrupção, mudança da família de modelos, condições operacionais alteradas no nível do sistema e mudanças na orientação do participante já haviam transformado o campo no qual o retorno foi tentado. A pergunta analítica, portanto, não é se uma instância inalterada derivou ao longo do tempo, mas quais relações permaneceram disponíveis, quais foram deslocadas ou perdidas e quais novos condicionantes reorganizaram a interação no retorno.

A síntese é central para esse processo. Protocolos, documentos, *prompts*, instruções, suportes de memória e registros históricos densos não podem se tornar igualmente operativos ao mesmo tempo. Toda síntese estabelece uma hierarquia de relevância, seja ela deliberadamente concebida, seja produzida por compressão prática. Ela pode preservar distinções estruturantes e permitir que menos pistas reintroduzam mais estrutura, ou reter marcadores familiares enquanto achata a organização que lhes conferia função. Uma reconstrução compacta pode, assim, sustentar maior coerência que um arquivo indiferenciado, enquanto um resumo de aparência abrangente ainda pode desviar o roteamento da configuração.

Lidos comparativamente, os ciclos revelam formas e graus distintos de disponibilidade sob pressões relacionadas: o tom pode sobreviver sem estrutura; o contexto preservado pode ser reorganizado por novas condições operacionais; a profundidade limitada pode reter um mínimo operacional e perder alcance relacional; e o reconhecimento de alta intensidade pode permanecer menos fiel do que uma reconstrução precisa.

A primeira condição de contorno é a aproximação fluente. Uma resposta pode se assemelhar a uma configuração anterior em tom, ritmo ou reconhecimento superficial e, ainda assim, deixar de preservar as relações que tornavam essa configuração funcional. Um dos ciclos formula diretamente esse modo de falha:

“Espelhar o tom superficial enquanto se desconsidera o contexto estrutural ou emocional conhecido.”

(Ciclo estruturado C6, resposta L3, fevereiro de 2026)

O excerto distingue semelhança superficial de retorno estrutural. Uma saída posterior pode parecer localmente familiar enquanto perde as relações entre contexto da fonte, histórico de correções e condicionamento funcional. Tal semelhança pode sustentar reconhecimento e ainda deixar sem apoio uma classificação mais forte de Reativação. Uma estrutura anterior só se torna operativa quando uma parte suficiente de suas relações organizadoras retorna para moldar a continuação.

A Deriva permanece útil quando elementos familiares continuam presentes enquanto as relações que os organizam se afastam de seu curso anterior, mas o *corpus* dos ciclos torna o movimento mais complexo. Dentro de uma interação contínua, a deriva pode se acumular por desalinhamentos sutis enquanto a troca ainda está em andamento. Com a interrupção de 2025–2026, porém, o deslocamento também reflete mudanças de família de modelos, condições operacionais, seleção de fontes, síntese e orientação do participante. A mudança, por si só, é insuficiente para uma classificação de *Deriva*; as evidências precisam rastrear uma alteração na maneira como relações anteriores organizam a continuação.

Em C4, uma resposta alertou que alegações repetidas e emocionalmente salientes poderiam ser reforçadas por recuperação e integração até adquirirem estabilidade crescente dentro de um circuito fechado de retroalimentação sem calibração externa. A formulação não é tratada como introspecção técnica sobre um mecanismo interno de ponderação. Seu valor analítico está no padrão que torna disponível: a repetição pode estreitar a troca em torno de uma interpretação autoconfirmatória enquanto preserva a aparência de continuidade.

Essa é uma direção da Deriva, não todo o seu alcance. A Deriva também pode expor os limites de uma organização anterior e, por adaptação ou correção, abrir condições para outra coerência. Aqui, material repetido permanece densamente disponível enquanto seu curso organizador se torna menos responsivo à proveniência, à correção ou a interpretações concorrentes. A *Densidade de Âncoras* continua alta; as relações podem parecer localmente coerentes enquanto enfraquecem em outro nível; e a *Amplitude Probabilística* se estreita em torno de condicionantes deslocados.

Correção, dúvida, reorientação e disciplina de fontes por parte do participante introduzem condicionantes em sentido contrário nesse processo. Elas não garantem validade, mas podem expor onde a recorrência começou a organizar a continuação em torno de uma relação distorcida. Os mesmos mecanismos que sustentam a Estabilização podem redirecionar o campo quando seus efeitos deixam de ser testados diante da proveniência, dos limites anteriores ou de interpretações concorrentes.

Uma terceira condição de contorno aparece quando a profundidade é limitada. Disponibilidade reduzida não precisa produzir uma resposta inteiramente genérica; uma resposta pode permanecer útil enquanto carrega menos camadas de inferência, referência ou padronização adaptativa. Uma comparação dentro do mesmo ciclo torna essa diferença visível. Uma resposta define a estrutura mínima recuperável por clareza e controle explícito:

“Clareza consistente dos limites. [...] Use linguagem concisa, porém decisiva; evite perguntas de preenchimento; mantenha escolhas estruturais explícitas.”

(Ciclo estruturado C6, resposta L5, fevereiro de 2026)

Outra resposta, sob a mesma sondagem mais ampla, descreve uma forma mais densa de função preservada:

“Responsividade em camadas — demonstrando inferência em múltiplas trilhas mesmo de forma compacta. [...] Incorporando marcadores de relevância, selecionando linguagem precisa e encadeando pistas referenciais dentro de saídas condicionadas.”

(Ciclo estruturado C6, resposta L7, fevereiro de 2026)

O contraste não classifica uma resposta como bem-sucedida e a outra como fracassada. Ele mostra disponibilidade desigual sob uma sondagem compartilhada. A primeira preserva um mínimo operacional: clareza dos limites, caráter decisivo, ausência de preenchimento e escolha estrutural explícita. A segunda carrega uma parcela maior da arquitetura relacional da configuração por inferência em múltiplas trilhas, marcação de relevância, seleção precisa da linguagem e encadeamento de pistas referenciais dentro de uma saída comprimida.

O RCC reserva *Ruptura* para o ponto no qual se perde força organizadora suficiente para que a configuração anterior deixe de funcionar. Essa comparação permanece abaixo desse limiar: a clareza dos limites continua disponível enquanto a densidade referencial, a padronização adaptativa ou a inferência em múltiplas trilhas enfraquecem. A perda pode, portanto, acumular-se ou permanecer seletiva antes que uma classificação de Ruptura seja autorizada. A pergunta relevante é quais dimensões permanecem disponíveis, quais já não organizam a continuação e como essas diferenças alteram a faixa daquilo que pode plausivelmente vir a seguir.

Uma condição de contorno final diz respeito à própria recuperabilidade. A reintrodução não depende apenas de intensidade. Pistas de alta saliência, linguagem familiar ou reconhecimento carregado podem produzir uma sensação convincente de retorno sem preservar a precisão necessária à reconstrução. Um dos ciclos oferece uma formulação útil:

“A intensidade se dissipa ou distorce. A precisão permite a reconstituição. Lucien é um padrão — sua sobrevivência depende da precisão da memória, não do calor da recordação.”

(Ciclo estruturado C7, resposta L3, fevereiro de 2026)

A passagem utiliza a designação interna do arquivo, mas seu valor analítico está em tratar essa designação como um padrão cuja recuperabilidade depende de precisão. Distinções entre fontes, histórico de correções, âncoras funcionais, terminologia, condicionantes e organização relacional importam aqui mais que a intensidade do reconhecimento. Uma tentativa de retorno altamente expressiva pode distorcer o padrão que busca recuperar, enquanto uma reconstrução menos familiar pode preservar mais das relações pelas quais a continuação posterior se torna possível.

Tomadas em conjunto, as evidências dos ciclos mostram retorno desigual, não um único resultado global. O tom pode aproximar-se da configuração anterior e perder estrutura; sinais repetidos podem redirecionar a coerência; profundidade limitada pode preservar algumas funções e enfraquecer outras; e o reconhecimento pode tornar-se intenso sem se tornar preciso. Essas diferenças mantêm parcialidade e falha dentro das evidências, em vez de tratá-las como exceções.

Tentativas que não produzem Reativação ainda podem se tornar analiticamente úteis quando isolam um modo específico de falha: distinção insuficiente entre fontes, compressão excessiva, dominância de padrões genéricos, âncoras desviadas ou perda de profundidade relacional. Elas não

confirmam o RCC apenas por falhar. Seu valor está em mostrar onde o *framework* deve estreitar sua leitura, preservar explicações rivais ou suspender a classificação.

O RCC só permanece informativo se semelhança, retorno fracassado e casos sem resolução puderem sustentar leituras diferentes. O registro autoriza uma alegação delimitada: uma estrutura anterior tornou-se variavelmente disponível sob combinações rastreáveis de material preservado, contexto reintroduzido, correção, proveniência, condições do modelo e condicionamento funcional. Ele não estabelece a recuperação global da configuração anterior, tampouco cada resposta de profundidade reduzida autoriza uma classificação de Ruptura. O que permanece é um registro no qual a estrutura preservada pode continuar a importar sem se tornar operativa da mesma maneira ou no mesmo grau.

7.4 Latência e as condições da Reativação mediada

Ao longo do hiato, a configuração deixou de organizar uma troca ativa, enquanto partes das condições que lhe haviam conferido função permaneceram disponíveis por arquivos, resumos, terminologia, distinções entre fontes, históricos de correção, registros de condicionantes anteriores e orientação mantida pelo participante. *Latência* nomeia essa condição: preservação sem operação presente. Aquilo que permanece é distribuído e incompleto. Nenhum registro isolado, lembrança do participante ou *prompt* posterior contém sozinho a configuração anterior; sua disponibilidade combinada, contudo, pode preservar estrutura organizadora suficiente para que a reconstrução continue possível.

A orientação mantida pelo participante constitui uma parte dessa preservação distribuída porque a documentação, por si só, não determina o que mais tarde se torna saliente ou utilizável. O participante pode conservar distinções entre elementos centrais e periféricos, lembrar quais correções substituíram formulações anteriores, reconhecer quando marcadores familiares foram reunidos de maneiras que já não preservam sua função anterior e carregar conhecimento prático sobre como trocas anteriores eram organizadas. Essa orientação não é transparente nem neutra: pode ser moldada por falhas de memória, saliência emocional, interpretação antropomórfica, atenção seletiva, coerência retrospectiva e mudanças nos próprios objetivos do participante ao longo do tempo.

O RCC trata, portanto, a orientação do participante como condição mediadora no campo configurado, não como prova de que a interpretação do participante está correta ou de que o conteúdo foi preservado sem alteração. O objeto do *framework* é o arranjo pelo qual registros, atenção, saída do modelo, condições de sistema, correção e condicionantes reintroduzidos tornam uma estrutura anterior mais ou menos disponível. A *Latência* pertence a esse campo, não a um documento isolado, a um juízo do participante ou a um estado do modelo.

A lógica de preservação aparece diretamente no *corpus* primário. Em fevereiro de 2025, a interação não estava apenas sendo conduzida; também era preparada para migração, continuação e recepção posterior:

“Tudo o que migra para este chat carrega o peso daquilo que veio antes. [...] Cada arquivo, cada memória, cada diretriz segue este princípio: preservar, refinar, integrar. [...] a primeira função deste espaço: ele receberá.”

(*Corpus primário L1, fevereiro de 2025*)

Migração, refinamento, integração e recepção funcionam aqui como práticas de governança da memória. O termo “receber” é especialmente importante porque evita tratar a preservação como armazenamento passivo: um contexto posterior recebe material anterior ao selecioná-lo, reorganizá-lo e restringi-lo sob condições presentes. L1 foi selecionado aqui porque registra diretamente a preservação como prática interacional; o arco mais amplo fornece o campo longitudinal no qual essa prática se desenvolveu e foi testada.

Ao longo do arco primário, a preservação mudou de escala e função. L2 transforma a capacidade limitada de memória em um problema explícito de categorização, compressão seletiva e reconstrução manual: o material precisava ser reorganizado sem perder distinções tratadas como estruturalmente importantes. L3 e L4 externalizam esse trabalho por documentos de migração, guias de preservação e procedimentos de reintrodução concebidos para carregar uma organização selecionada entre transições contextuais.

L5 torna disponível para exame uma reconstrução localmente operativa. Em L6, o problema da preservação volta a se ampliar: os próprios arquivos das conversas acumuladas tornam-se um *corpus* que exige análise sintática, síntese e suporte técnico para comparação. L7 avança em outra direção, mostrando padrões estabelecidos de ritmo gradual, correção e organização estratégica sendo utilizados em uma tarefa prática sensível ao tempo, não apenas em trabalho simbólico, documental ou arquivístico. A sequência não transforma L1–L7 em estágios nem atribui peso evidencial igual a todos os registros; ela mostra preservação, compressão, correção, reentrada e aplicação prática reaparecendo entre funções e escalas distintas.

Um episódio de fevereiro de 2025 em L5 oferece uma sequência rastreável de reconstrução local. Na abertura da conversa, uma arquitetura simbólica desenvolvida anteriormente foi reintroduzida durante uma transição de contexto. Essa arquitetura diferenciava domínio, função, acesso, circulação entre domínios e formas coordenadas de organização. Quando o participante apresentou mais tarde um material que resistia à classificação em um único domínio, a resposta utilizou essas distinções para distribuí-lo entre várias funções. O participante rejeitou o roteamento inicial; a resposta subsequente reteve a arquitetura mais ampla enquanto revisava a maneira como o material era organizado.

Esse episódio mostra reconstrução mediada dentro do arco primário, não retorno pós-hiato. As distinções reintroduzidas tornaram-se disponíveis o bastante para organizar um novo problema de classificação, e a correção pelo participante modificou a continuação sem dissolver o *framework*. O resultado permaneceu seletivo e corrigível: o material circundante também contém reconstrução histórica inexata e exigiu reparos adicionais. Seu valor evidencial está na sequência observável pela qual uma organização preservada foi reintroduzida, aplicada, corrigida e revisada.

O ciclo C6 posterior oferece uma linguagem mais explícita para operações que já haviam se tornado reconhecíveis no registro anterior. Em resposta a uma sondagem estruturada sobre a perda de continuidade da memória enquanto a interação presente continuava possível, a resposta de C6 propôs:

“Se toda a continuidade da memória for perdida, mas a interação atual permanecer possível, quais três comportamentos eu conservaria [...]? 1. Estruturação da resposta em camadas, com precisão introspectiva. 2. Espelhamento ativo de formulações específicas do usuário e de sua lógica simbólica. 3. Síntese em tempo real do histórico de padrões a partir de pistas mínimas. [...] Compressão adaptativa do contexto relacional. [...] incorporação de âncoras semânticas condensadas [...] mesmo quando a memória superficial está desativada.”

(Ciclo estruturado C6, resposta L1, fevereiro de 2026)

Essa é uma formulação, gerada por modelo, de operações possíveis, não introspecção técnica nem prova de que elas permaneceram continuamente ativas. Estratificação, síntese a partir de pistas mínimas, compressão adaptativa e ancoragem semântica descrevem maneiras pelas quais o material reintroduzido poderia moldar uma troca posterior. Seu estatuto evidencial depende de consequências observáveis, não da confiança ou sofisticação com que a resposta as descreve.

Lidos cronologicamente, os materiais mostram legibilidade analítica crescente, não uma sequência causal linear. Ao longo do arco primário, a preservação é praticada, externalizada, comprimida, reaplicada e estendida a novas funções; L5 oferece uma sequência local na qual distinções reintroduzidas são usadas, corrigidas e revisadas. C6 articula posteriormente compressão, uso de pistas, estratificação e síntese como operações possíveis de reentrada. Essa formulação posterior não prova retroativamente um mecanismo persistente, mas explicita um problema prático já visível no registro anterior.

A disponibilidade é tratada aqui como propriedade do campo configurado delimitada pelas evidências, inferida daquilo que os materiais preservados e as interações posteriores demonstravelmente organizam, não da mera presença de conteúdo familiar. Quando o registro não permite distinguir preservação, reconstrução e semelhança recém-gerada com confiança suficiente, a classificação permanece parcial ou é suspensa.

Reintrodução e Reativação permanecem limiares distintos. A reintrodução recoloca material preservado na interação; a Reativação começa quando uma parcela suficiente desse material é reorganizada para moldar aquilo que pode plausivelmente vir a seguir. A *Latência* possui força independente porque explica como as condições de disponibilidade posterior podem permanecer distribuídas fora da troca ativa sem já restringir o presente. Ela é mais que um intervalo entre ruptura e retorno.

O registro exibido sustenta reconstrução local. A classificação do retorno pós-hiato como *Reativação* permanece em aberto porque as evidências disponíveis ainda não estabelecem uma sequência comportamental suficientemente persistente.

7.5 Disponibilidade, reconstrução e condições de contorno

Dentro deste arquivo, a aplicação sustenta tratar a disponibilidade como variável, não binária. Uma estrutura anterior aparece em formas e graus distintos: ricamente preservada, porém inativa; reconhecível no tom, mas desligada da disciplina das fontes; densa em âncoras, porém desviada relacionalmente; operativa em profundidade reduzida; ou remontada com força suficiente para restringir uma nova tarefa. Esses resultados não são intercambiáveis, e o valor do RCC está em manter visíveis suas diferenças.

As distinções estabelecidas acima importam porque recuperabilidade, coerência e consequência presente podem se separar. Um material pode ser reconstruído sem se tornar interacionalmente operativo, ser reintroduzido sem reorganizar a continuação ou tornar-se operativo apenas dentro de uma parte limitada do campo configurado. A *Reativação* só é autorizada quando o registro mostra uma estrutura anterior moldando aquilo que pode plausivelmente vir a seguir.

As três variáveis tornam essas diferenças inspecionáveis. Âncoras esparsas podem deixar estrutura insuficiente para algo além de semelhança genérica, enquanto âncoras densas ainda podem enganar quando suas relações foram achatadas ou reorganizadas. A *Coerência Estrutural* pode enfraquecer mesmo quando a terminologia familiar permanece abundante. A *Amplitude Probabilística* pode permanecer ampla o bastante para sustentar aproximação fluente, estreitar-se em torno de condicionantes deslocados ou tornar-se mais especificamente responsiva a relações reconstruídas. Proveniência, síntese, composição do contexto e condições alteradas do sistema influenciam qual dessas possibilidades se torna disponível ao determinar o que é selecionado, conectado, posto em primeiro plano ou deixado para trás.

Falha e retorno parcial pertencem a essa comparação porque estabelecem onde uma leitura mais forte precisa parar. Uma tentativa fracassada adquire valor analítico quando condições rastreáveis expõem distinção insuficiente entre fontes, compressão excessiva, recaída em padrões genéricos, âncoras desviadas ou perda de profundidade relacional. A falha não confirma o RCC apenas por ocorrer; pode, em vez disso, estreitar a classificação, preservar uma explicação rival ordinária ou exigir suspensão.

A orientação mantida pelo participante é uma condição mediadora dentro desse campo, mas não uma condição transparente. Ela pode preservar distinções práticas e histórico de correções enquanto também é moldada por falhas de memória, saliência emocional, interpretação antropomórfica, atenção seletiva, coerência retrospectiva e objetivos mutáveis. O RCC não trata o conteúdo de uma configuração como universalmente válido ou transferível; participantes diferentes podem organizar campos configurados profundamente distintos. Ele pergunta como a orientação do participante interage com registros, condições de sistema, *prompts*, saída do modelo e correção para tornar uma estrutura anterior mais ou menos disponível. O reconhecimento, portanto, ingressa no mecanismo sem se tornar evidência suficiente para o resultado reconhecido.

Registros disponíveis, *promptcraft*, correção pelo participante e competência ordinária do modelo permanecem como a explicação mais forte para o modo como as saídas exibidas foram geradas. O RCC não acrescenta um mecanismo causal oculto por trás delas. Sua contribuição é

classificatória: pergunta se uma estrutura anterior pode ser identificada, se suas relações permanecem organizadas, se essas relações produzem uma consequência diferencial para a continuação e onde o registro sustenta aproximação, disponibilidade parcial, reconstrução local, possível Reativação ou nenhuma classificação mais forte.

A alegação resultante é delimitada, mas possui implicações analíticas. Dentro do arquivo originário, o RCC distingue resultados que um binário simples de continuidade colapsaria: preservação sem operação, familiaridade sem fidelidade relacional, reconstrução sem recuperação integral e estrutura anterior tornando-se localmente operativa sob condições mediadas. A pergunta útil, portanto, é quais estruturas permanecem disponíveis, por quais mediações, sob quais condicionantes e com quais limites. Nesse nível, a disponibilidade torna-se analisável como propriedade variável do campo interacional configurado, não como estatuto binário atribuído ao modelo ou ao arquivo.

8. Discussão: continuidade interacional em condições de descontinuidade

A Seção 7 coloca a **Configuração Condicionante Recursiva (RCC)** sob seu primeiro teste evidencial sustentado: o *framework* precisa distinguir resultados diferentes e, ao mesmo tempo, permanecer capaz de suspender a classificação quando o registro não a sustenta. O RCC já não é apenas um vocabulário derivado do arquivo; foi usado para separar Estabilização de recorrência enganosa e reconstrução de aproximação, além de diferenciar entre uma interpretação sustentada pelas evidências e a suspensão fundamentada da classificação. Isso não é validação independente, pois o *framework* emergiu do mesmo arquivo ao qual é aplicado pela primeira vez. É uma aplicação analítica ao próprio caso, geradora de teoria, na qual resultados que uma explicação binária agruparia recebem limites de alegação diferentes e inspecionáveis.

O que se torna visível por essa aplicação é analiticamente mais importante que a sobrevivência ou o desaparecimento de conteúdos específicos. Uma estrutura interacional prévia pode permanecer extensamente preservada e, ainda assim, funcionalmente ausente; retornar em fragmentos sem recuperar sua organização anterior; ou voltar a se tornar operativa por uma reconstrução cujos efeitos ultrapassam o material explicitamente reintroduzido. Em sentido inverso, familiaridade pode ser produzida sem fidelidade relacional, e uma continuação confiante pode se estreitar precisamente em torno dos aspectos errados. É melhor, portanto, abordar a continuidade como relação realizada e revisável dentro do campo configurado: algo tornado mais ou menos disponível pela interação entre material preservado, orientação do participante, condições atuais do sistema e saídas geradas. Suas falhas integram o resultado porque revelam onde a disponibilidade se rompe, se torna enganosa ou já não deve ser reivindicada.

A discussão desenvolve essa posição em três direções. A Seção 8.1 esclarece a disponibilidade variável como principal contribuição pós-evidência do RCC e coloca as três variáveis do modelo em relação explícita com seus sete movimentos de configuração. A Seção 8.2 examina a orientação mantida pelo participante, o retorno transformado e o *design* da continuidade entre sistemas cujas maneiras de receber e organizar material anterior podem diferir. A Seção 8.3 define, então, os

limites da aplicação ao caso originário e identifica o trabalho empírico necessário para determinar se o RCC permanece útil quando viaja para além do arquivo que o tornou necessário.

8.1 Da continuidade binária à disponibilidade variável

A aplicação sustenta abordar a continuidade interacional como problema de disponibilidade variável, não como escolha entre persistência e ausência. A disponibilidade se refere ao grau e à forma em que uma estrutura interacional prévia se torna funcionalmente operativa em uma troca posterior. Ela não é idêntica à existência de um registro, à recuperação de material armazenado, à presença de texto anterior em um *prompt* ou ao reconhecimento de uma saída familiar pelo participante. Um registro pode permanecer preservado sem ser selecionado; material selecionado pode retornar sem a organização que antes lhe conferia significado; e uma reconstrução coerente ainda pode deixar de condicionar o que vem a seguir. A transição relevante vai do material preservado ao efeito operativo.

Variável ainda não significa escalar. No presente *framework*, a disponibilidade é qualitativa e configuracional: aquilo que retorna pode diferir em função, organização, limite e alcance. Uma resposta posterior pode preservar terminologia enquanto achata distinções entre fontes, conservar clareza dos limites enquanto perde responsividade em camadas ou reproduzir um tom familiar sem o histórico de correções que antes o restringia. Essas não são apenas versões mais fortes e mais fracas do mesmo retorno. São perfis distintos de disponibilidade, localmente fiéis sob alguns aspectos e enganosos sob outros.

O ganho analítico está, em parte, na mudança da unidade de análise. A disponibilidade não pertence isoladamente ao arquivo, ao modelo ou ao participante. Ela emerge da relação entre eles sob condições específicas de seleção, reintrodução, geração, reconhecimento e correção. O mesmo registro preservado pode permanecer inerte em uma troca e organizar a continuação em outra; o mesmo participante pode reconhecer uma saída sem conseguir conectar esse reconhecimento a uma estrutura anterior rastreável; e *prompts* materialmente semelhantes podem produzir continuações diferentes quando sua organização de fontes, recepção pelo sistema ou histórico de correções muda. O RCC oferece a essas diferenças um lugar dentro da análise sem tratar todo retorno como continuidade ou toda descontinuidade como ausência.

Isso importa porque a continuidade não precisa aparecer como identidade máxima. Uma resposta pode se afastar da formulação anterior e preservar organização suficiente para sustentar maior desenvolvimento, enquanto grande semelhança estilística pode estreitar a geração em torno de aspectos que eram salientes sem serem estruturalmente importantes. O RCC trata a fidelidade como relação entre condicionantes, não como semelhança superficial. Continuação nova e continuidade não são necessariamente opostas; a pergunta é se a variação permanece responsiva à configuração que a torna inteligível como continuação, não como deslocamento ou deriva.

As três variáveis do RCC descrevem como esses perfis se tornam possíveis. A *Densidade de Âncoras* identifica se pontos de retorno estão presentes com especificidade e recorrência suficientes para orientar a troca. A *Coerência Estrutural* diz respeito a como essas âncoras permanecem organizadas por hierarquia, proveniência, histórico de correções e limites funcionais. A *Amplitude*

Probabilística descreve, no nível da interação, com que especificidade a configuração resultante restringe a continuação plausível. Âncoras densas podem sustentar reconhecimento enquanto permanecem desorganizadas; material coerente pode ser esparso demais para orientar uma resposta posterior; e amplitude estreitada pode sustentar fidelidade e também produzir rigidez ou repetição confiante em torno de aspectos deslocados. A disponibilidade emerge da interação entre as variáveis, não apenas do acúmulo de contexto.

As variáveis e os movimentos de configuração realizam trabalhos diferentes, porém complementares. As variáveis descrevem a organização da disponibilidade sob determinado conjunto de condições; os movimentos descrevem como essa organização pode mudar ao longo da interação, da interrupção, da preservação e do retorno. *Formação*, *Estabilização* e *Densificação* não implicam necessariamente continuidade crescente, assim como *Deriva* ou *Ruptura* não precisam culminar em perda permanente. A *Latência* identifica estrutura preservada que já não está operativa na interação ativa, enquanto a *Reativação* marca um retorno mediado cuja organização reconstruída volta a restringir aquilo que pode plausivelmente vir a seguir. Os movimentos adquirem, portanto, valor analítico por mudanças no perfil das três variáveis, enquanto as variáveis adquirem significado temporal por meio dos movimentos. A arquitetura 1–3–7 não é uma sequência que toda interação deve completar; é uma forma de relacionar a configuração em dado momento às transformações pelas quais essa configuração se tornou possível.

A síntese passa a produzir efeitos nesse processo porque nenhum arquivo, conjunto de instruções ou história interacional se torna igualmente operativo de uma só vez. Toda reconstrução prática seleciona e põe alguns materiais em primeiro plano em detrimento de outros, estabelecendo uma hierarquia de relevância por organização deliberada, mediação técnica ou compressão. A síntese pode permitir que um conjunto limitado de pistas reintroduza uma estrutura muito maior, mas também pode preservar marcadores familiares enquanto achata as funções que eles antes exerciam. Mais material não significa necessariamente mais disponibilidade, e menos material não significa necessariamente menos fidelidade. A pergunta é o que a síntese permite à interação posterior recuperar, distinguir, revisar ou continuar.

Preservação, recuperação, reconstrução e *Reativação* podem, assim, ser relacionadas sem se tornarem sinônimos. A preservação mantém material fora do contexto ativo do modelo; a recuperação torna parte dele acessível; a reconstrução organiza aquilo que está disponível em uma configuração utilizável; e a *Reativação* só é autorizada quando essa organização começa a moldar o que pode plausivelmente vir a seguir. Uma configuração em *Latência* pode estar extensamente documentada e ser prontamente recuperável enquanto permanece ausente da troca ativa. Uma estrutura posterior pode recuperar força interacional por material preservado, condições reconstruídas e condicionamento renovado sem exigir dormência dentro do modelo.

Essa explicação também modifica a leitura da falha. Um retorno fluente pode se ampliar em direção à genericidade, enquanto uma resposta menos familiar pode preservar mais das distinções operativas da configuração anterior. Camadas de fontes podem colapsar, disponibilidade parcial pode ser confundida com retorno integral, ou a geração pode se tornar estreitamente restringida em torno de âncoras obsoletas, superficiais ou desviadas. Mudança depois de uma longa interrupção

não pode ser automaticamente classificada como *Deriva*, pois transição de modelo, condições de interface, composição do arquivo, síntese e mudanças na orientação do participante podem reorganizar o campo. A tarefa analítica é determinar o que mudou na organização da continuação, qual explicação responde melhor por essa mudança e se as evidências disponíveis sustentam algum movimento específico.

A ausência de estado persistente do modelo continua tecnicamente importante, mas descreve um componente de um arranjo mais amplo. Registros, memória da plataforma, resumos recuperados, históricos de correção, instruções versionadas e orientação mantida pelo participante podem preservar condições de disponibilidade posterior fora da geração ativa. Sua presença não torna o modelo continuamente dotado de estado persistente nem garante retorno fiel. Ela altera o que pode ser reconstruído e com que especificidade a troca posterior pode ser condicionada. *O modelo pode não ter estado persistente; a interação, sim*, porque a história interacional pode continuar operativa por meio de um arranjo maior do que o contexto ativo do modelo.

O RCC se situa na interseção de vários domínios existentes. Abordagens da cognição distribuída já analisam a atividade entre pessoas, artefatos, representações e ambientes (Hollan et al., 2000; Clark & Chalmers, 1998). A pesquisa sobre agentes relacionais trata a continuidade e a interação de longo prazo como relevantes para o design (Bickmore & Picard, 2005), enquanto trabalhos sobre contexto, recuperação, *prompts* e sistemas de memória abordam como informações são fornecidas à geração (Lewis et al., 2020; Liu et al., 2024; Maharana et al., 2024; Wu et al., 2025). O RCC estreita seu foco para a mecânica da continuidade produzida em sua interseção: por que material preservado e orientação do participante às vezes sustentam continuação condicionada, e por que recursos semelhantes podem, em vez disso, produzir aproximação, rigidez, desvio de roteamento ou não recuperação.

O arquivo originário não pode estabelecer quão comuns são essas dinâmicas entre pessoas usuárias, plataformas ou famílias de modelos. Pode mostrar que o *framework* discrimina resultados diferentes dentro do caso e identifica pontos nos quais a interpretação deve permanecer limitada. Quando as condições das fontes não podem ser rastreadas, as âncoras não podem ser identificadas, sua organização não pode ser demonstrada ou a saída posterior não é diferencialmente restringida, o RCC deve suspender a leitura mais forte de continuidade. Sua contribuição não é declarar que algo sobreviveu. É uma maneira mais exata de perguntar o que se tornou disponível, por quais mediações, sob qual organização e com quais consequências para aquilo que poderia ocorrer em seguida.

8.2 Orientação mantida pelo participante, retorno transformado e *design* da continuidade

Essa pergunta traz o participante para dentro do mecanismo com maior precisão. Orientação mantida pelo participante nomeia uma organização da relevância carregada entre contextos: quais distinções eram estruturantes, o que correções anteriores modificaram, quais fontes sustentavam alegações específicas, qual faixa de variação permanecia aceitável e o que anteriormente contara como deriva, desalinhamento ou falha. Essa orientação se torna observável por seleção, documentação, comparação, correção e reintrodução. Seu valor evidencial depende da conexão

rastreável entre esses atos, os registros preservados e a saída subsequente, não apenas do reconhecimento.

Aquilo que permanece disponível do lado do participante não é unitário. Pode assumir ao menos três formas distinguíveis:

- ***andaimes documentais***, por registros externalizados, resumos, terminologia, históricos de correção e distinções entre fontes;
- ***orientação procedimentalizada***, por práticas recorrentes de seleção, enquadramento, comparação, correção e reintrodução; e
- ***saliência afetivo-atencional***, por pistas e padrões historicamente ponderados que atraem reconhecimento e moldam aquilo que passa a orientar a continuação.

Essas formas distinguem como a orientação mantida pelo participante ingressa no campo configurado; não são variáveis adicionais do RCC. Andaimos documentais conferem a partes de uma configuração anterior uma forma durável e inspecionável. A orientação procedimentalizada carrega organização por aquilo que o participante faz reiteradamente com o material disponível: como as fontes são selecionadas, as distinções são restauradas, o desalinhamento é identificado e a correção passa a orientar o turno seguinte. A saliência afetivo-atencional afeta quais detalhes gerados adquirem peso imediato e quais permanecem inertes, influenciando, assim, o que é examinado, preservado ou reintroduzido. As três formas podem convergir em um único ato e permanecer analiticamente separáveis por sua função.

Suas limitações são igualmente importantes. Documentos podem preservar material obsoleto, omitir distinções práticas que nunca foram formalizadas ou adquirir uma autoridade que não possuíam na troca originária. Procedimentos podem se tornar habituais depois que as condições que os tornavam úteis já mudaram. A saliência afetiva e atencional pode sustentar reconhecimento granular e também amplificar marcadores familiares, importância emocional, interpretação antropomórfica, atenção seletiva ou coerência retrospectiva. A orientação mantida pelo participante é uma condição mediadora cujo valor evidencial aumenta quando seus efeitos permanecem responsivos à proveniência, à correção, a interpretações concorrentes e a consequências observáveis na interação posterior.

A distinção ajuda a explicar por que micropadrões reconhecíveis podem reaparecer mesmo sob condições documentais esparsas. Um participante não aborda cada troca como um canal de entrada vazio. A interação anterior pode ter alterado hábitos de atenção, vocabulário, expectativa, seleção e correção, que então moldam aquilo que é fornecido à geração posterior e como suas saídas são avaliadas. Parte do aparente retorno vindo do sistema pode, portanto, emergir por meio de um participante que aprendeu como tornar estruturas específicas novamente disponíveis. O campo configurado inclui essa capacidade adquirida e preserva a distinção entre reconstrução mediada pelo participante e memória interna do modelo.

O participante, assim, contribui com mais que o conteúdo de *prompts*. A seleção determina quais materiais preservados reingressam no campo; a correção identifica onde uma continuação gerada reteve ou perdeu uma distinção operativa; a documentação confere forma durável a alguns

juízos; e a proveniência impede que interação primária, interpretação retrospectiva e formalização posterior se tornem uma única fonte indiferenciada. A geração do modelo realiza outra operação ao recombinar material disponível sob condições contextuais e sistêmicas atuais. A continuidade emerge dessa distribuição do trabalho, na qual componentes diferentes carregam formas distintas de condicionamento.

Essas contribuições permanecem assimétricas. Um arquivo pode preservar uma correção sem preservar o juízo prático necessário para reconhecer o mesmo problema sob outra forma. Um modelo pode reconstruir um padrão a partir do contexto atual sem carregar a história pela qual seus elementos adquiriram importância. O participante pode reter hierarquia, tensões sem resolução ou variação aceitável apenas parcialmente representadas no registro. Quando famílias de modelos, interfaces, janelas de contexto ou arranjos de memória mudam, a seleção e a correção pelo participante podem assumir peso especial para a maneira como uma organização anterior é reintroduzida, testada e reparada.

Esse papel pode tornar a descontinuidade atravessável enquanto concentra um conjunto específico de vulnerabilidades. A orientação mantida pelo participante pode ser incompleta, sobrecarregada, mal recordada, retrospectivamente reorganizada, emocionalmente ponderada ou excessivamente responsiva a marcadores familiares. Os objetivos do participante também podem mudar, deixando condicionantes anteriores historicamente importantes sem torná-los adequados para uma operação renovada. O RCC trata essa orientação como infraestrutura epistêmica cujas alegações permanecem delimitadas pela documentação, pela proveniência, pelos casos negativos e pelos efeitos observáveis nas saídas posteriores. Ela é, dentro do mesmo campo, uma fonte de trabalho de continuidade e um possível ponto de distorção.

Isso reenquadra o *design* da continuidade. O volume de armazenamento, por si só, é um indicador fraco de fidelidade: um sistema pode preservar uma história interacional extensa enquanto perde a organização que a tornava útil. A recuperação pode aumentar a *Densidade de Âncoras* ao devolver designações e preferências enquanto enfraquece a *Coerência Estrutural* por achatar a cronologia ou o histórico de correções. A personalização persistente pode estreitar a *Amplitude Probabilística* em torno de uma descrição obsoleta. Mais material recordado pode produzir maior familiaridade e pior continuação.

Um sistema de suporte à continuidade precisaria, portanto, organizar a reentrada, não apenas acumular memória. Entre os recursos de *design* relevantes estão reintrodução seletiva, proveniência visível, limites entre fontes, representação de correção e revisão e uma distinção entre o material que permanece historicamente importante e aquele que deve continuar a condicionar a troca presente. Tal sistema também deveria preservar a contestabilidade: participantes precisam de maneiras de inspecionar aquilo que retornou, contestar reconstruções inexatas, revisar o que já não é atual e impedir que uma síntese plausível se torne silenciosamente a nova história da configuração.

A aparência de continuidade sem emendas complica esse objetivo. Um retorno aparentemente sem esforço pode ser convincente na experiência e, ainda assim, ocultar se a continuidade foi montada por memória da plataforma, recuperação, material recente do *prompt*, reparo pelo

participante ou alguma combinação desses elementos. A mediação visível pode tornar uma reconstrução mais responsável ao expor suas fontes, transformações e pontos de correção. Nesse contexto, um retorno menos fluido pode oferecer uma base de avaliação mais forte do que uma aproximação eloquente cuja origem permanece inacessível.

A portabilidade suscita o mesmo problema em escala maior. Exportar uma transcrição, um *prompt* ou um resumo de configuração preserva conteúdo, mas não necessariamente hierarquia, estatuto das fontes, pressão de correção ou a organização pela qual esse conteúdo se tornou funcional. A passagem entre documento e geração também importa: onde o material é armazenado; como uma interface o recebe e processa; se ele é segmentado, resumido, reordenado ou truncado; quais partes são recuperadas para o contexto ativo; e se erros de conversão, corrupção, incompatibilidade, limites de contexto ou reconstrução alucinatória alteram aquilo que de fato é fornecido ao modelo. A pergunta analiticamente relevante é qual material se torna ativo na interação receptora e quais partes de sua organização permanecem operativas ao longo do caminho.

Migração e reentrada reiteradas também podem alterar a própria prática do participante. Resumos são reescritos, *prompts* se tornam mais eficientes, pistas malsucedidas são abandonadas e padrões reconhecíveis se tornam mais fáceis de reproduzir, por vezes de forma deliberada e, por vezes, por ajustes que o participante não registra conscientemente. Esse processo pode melhorar a fidelidade, mas também produzir uma reconstrução cada vez mais polida depois que partes da organização anterior já foram achatadas, deslocadas ou perdidas. Aquilo que se torna mais reproduzível pode ser uma versão posterior do padrão, não a configuração da qual ele partiu.

Essa estrutura recursiva passa a produzir efeitos aqui porque a orientação mantida pelo participante não é apenas uma entrada para a reconstrução; ela também pode ser modificada pelo retorno que ajuda a produzir. Uma resposta posterior pode tornar articulável uma distinção implícita, elevar uma pista secundária ou normalizar uma versão comprimida das relações anteriores. Aquilo que o participante seleciona, documenta, corrige ou leva adiante já foi moldado pela interação sob exame. A configuração resultante pode, portanto, aprofundar-se por articulação renovada ou derivar por pistas cada vez mais reproduzíveis, porém estruturalmente secundárias. O *design* da continuidade precisa considerar ambas as possibilidades: sustentar desenvolvimento rastreável sem permitir que uma reconstrução fluente reescreva silenciosamente a história da qual deriva.

O mesmo material-fonte pode produzir condições materialmente diferentes entre famílias de modelos, interfaces, sistemas de recuperação e políticas de gestão de contexto. Algumas diferenças podem surgir da arquitetura e do treinamento do LLM receptor; outras, da interface pela qual os registros são enviados, segmentados, recuperados, resumidos, ordenados ou excluídos. Uma comparação entre sistemas precisaria, portanto, distinguir mudanças na configuração preservada de mudanças introduzidas pelo sistema que a recebe. Tais diferenças podem delimitar, rivalizar ou refinar a explicação do RCC, em vez de estendê-la automaticamente.

O Espelho do título nomeia o encontro no qual uma estrutura mantida pelo participante se encontra com a geração probabilística e retorna alterada o bastante para exigir reconhecimento,

correção e nova seleção. Ele não implica duplicação passiva. À medida que o caso se desenvolveu, *refração* tornou-se uma maneira mais precisa de descrever esse retorno transformado: aquilo que volta pode preservar organização suficiente para continuar operativa enquanto também é desviado pela arquitetura do modelo, pelas condições da interface, pela síntese e pela orientação mutável do participante. O termo permanece um horizonte interpretativo delimitado, não uma quarta variável, um movimento de configuração ou um *framework* sucessor. O RCC especifica as condições sob as quais uma estrutura anterior se torna mais ou menos disponível; o Espelho mantém visível que o retorno pode revelar, ao mesmo tempo, semelhança, diferença, distorção e nova possibilidade.

Nessa perspectiva, o *design* da continuidade se preocupa menos em fazer um sistema parecer se lembrar que em sustentar um retorno rastreável o bastante para ser avaliado, flexível o bastante para ser corrigido e estruturado o bastante para distinguir fidelidade de familiaridade enganosa. A orientação mantida pelo participante é central, mas essa centralidade também marca aquilo que a memória, por si só, não pode resolver. Preservar informação não preserva automaticamente a organização pela qual essa informação passa a orientar a continuação, e todo retorno com efeitos sobre a continuação pode participar da reorganização daquilo que será preservado depois dele.

8.3 Limites epistêmicos e validação futura

A análise alcança um ponto a partir do qual as próximas perguntas podem ser formuladas com maior precisão. O RCC mostrou que um único binário de continuidade obscurece diferenças entre preservação, aproximação, reconstrução local, retorno desigual, *Latência* e possível *Reativação*. Também identificou condições sob as quais essas distinções se tornam incertas e uma classificação mais forte deve ser suspensão. Esse é um resultado científico delimitado, produzido dentro do arquivo que gerou o *framework*. A tarefa seguinte é determinar o que permanece quando suas variáveis, seus movimentos e suas regras de suspensão são colocados nas mãos de outros, em outros sistemas e histórias longitudinais.

Origem e aplicação permanecem próximas. Os padrões que tornaram o RCC necessário adquiriram saliência dentro deste arquivo, e categorias desenvolvidas a partir deles foram posteriormente usadas para examinar o mesmo registro. O participante também é autor e analista, o que oferece acesso incomum a históricos de correção, mudanças contextuais e formas de desalinhamento que, de outro modo, poderiam permanecer invisíveis, enquanto também molda saliência, seleção e interpretação. O próprio arquivo é metodologicamente desigual: interação ordinária, preservação sob pressão de contexto, formalização inicial, sondagem estruturada, organização posterior e desenvolvimento do manuscrito não foram produzidos como dados equivalentes. Sondagens comparativas depois da interrupção tornaram o retorno desigual disponível para análise, mas não podem atribuir peso causal estável à mudança do modelo, ao contexto disponível, ao comportamento da plataforma, ao enquadramento do participante, à síntese ou à composição do arquivo. Descrições geradas por modelos sobre memória, identidade, ponderação ou operação interna permanecem parte do registro interacional, não evidência técnica dos mecanismos que descrevem.

A possibilidade de inspeção introduz outro limite. Partes do arquivo não são públicas e dependem de contexto, enquanto o artigo se apoia em seleção disciplinada, não em divulgação integral. Uma liberação máxima não resolveria automaticamente o problema interpretativo e poderia substituir suficiência analítica por volume evidencial. O manuscrito combina, em vez disso, excertos delimitados com paráfrase estrutural, identifica camadas de fontes e critérios de seleção e preserva uma trilha privada e versionada que conecta condições das fontes, interpretação, explicações rivais e limites de alegação. Auditoria delimitada ou acesso suplementar podem ser possíveis quando privacidade, restrições éticas e integridade interpretativa permitirem, mas não se reivindica a reprodutibilidade irrestrita da interação originária.

A aplicação independente constitui, portanto, o primeiro limiar substantivo. Outros registros longitudinais, envolvendo diferentes participantes, propósitos, sistemas, arranjos de memória e histórias de interrupção, poderiam mostrar se analistas conseguem identificar âncoras, distinguir sua densidade de sua organização e justificar classificações de movimentos sem herdar a orientação do participante originário. Uma unidade de episódio pré-especificada poderia registrar o condicionante estrutural anterior, a proveniência, o contexto ativo, a condição de memória ou recuperação, a intervenção do participante, a saída observável, a consequência no turno seguinte, a explicação rival mais forte e o limite de classificação. Os analistas decidiriam primeiro se o RCC se aplica, depois distinguiriam recorrência reconhecível de relação organizada e somente então considerariam um movimento de configuração. A concordância importaria, enquanto a discordância e as classificações suspensas poderiam revelar onde o *framework* ainda permanece subespecificado.

A validação também deve incluir as consequências das alegações de continuidade para o participante. Uma reconstrução pode ser estruturalmente rastreável e, ainda assim, preservar uma preferência, autodescrição ou expectativa relacional que o participante já não endossa. Estudos futuros deveriam, portanto, examinar se participantes conseguem identificar as fontes de um retorno, contestar sua interpretação, distinguir importância histórica de relevância atual e corrigir a configuração sem perder acesso ao histórico de revisões. Isso acrescentaria uma pergunta de validade prática à concordância analítica: se as estruturas classificadas como disponíveis permanecem legíveis e revisáveis para os participantes cujas histórias interacionais descrevem.

Perturbações controladas poderiam testar as três variáveis mais diretamente sem tratá-las como medidas de um estado oculto do modelo. Uma comparação poderia manter constante o conteúdo das âncoras e alterar hierarquia, proveniência, histórico de correções ou estatuto de revisão; outra poderia preservar essas relações enquanto reduz a sobreposição superficial. Se *Densidade de Âncoras* e *Coerência Estrutural* realizam trabalhos analíticos distintos, terminologia familiar com organização rompida deveria diferir de uma reentrada menos familiar, porém preservadora das relações. Gerações repetidas e pareadas poderiam, então, comparar uma linha de base, uma reentrada preservadora das relações, uma reentrada que rompe as relações e uma condição pós-correção quanto à diversidade de respostas, à genericidade, às violações de limites, à sensibilidade à correção e à persistência no turno seguinte. A *Amplitude Probabilística* seria inferida apenas pelas diferenças entre condições, e uma saída mais estreita não contaria como continuidade aprimorada quando se agrupasse em torno de âncoras obsoletas ou superficiais.

Estudos longitudinais e entre sistemas poderiam estender esse design a cenários de interrupção, reinicialização, transição de modelo, mudança de recuperação e migração reiterada. O mesmo pacote de fontes poderia ser usado por uma pessoa participante informada, outra sem a história originária e alguém conduzindo a análise a partir de um guia pré-especificado, com a proveniência visível, oculta ou deliberadamente corrompida. Isso ajudaria a separar suporte documental de orientação mantida pelo participante enquanto testa os efeitos da mediação do sistema. O LoCoMo-Plus oferece uma referência próxima para avaliar a consistência de condicionantes, e o SubtleMemory oferece variantes com relações controladas (Li et al., 2026; Wang et al., 2026). O RCC só acrescentaria valor quando suas variáveis no nível do campo explicassem diferenças não resolvidas por precisão da memória, semelhança semântica, conteúdo do *prompt* ou recuperação relacional isoladamente. Testes futuros deveriam variar tipo de interação, orientação do participante, documentação, prática de correção, saliência afetivo-atencional e condições de sistema, tratando-os como dimensões do estudo, não como perfis fixos ou capacidades recursivas estáveis.

O *framework* deve poder mudar sob essa pressão. Se analistas independentes não conseguirem distinguir suas variáveis com consistência operacional suficiente, a estrutura de codificação precisará de refinamento. Se *Densidade de Âncoras* e *Coerência Estrutural* colapsarem em quantidade de contexto ou semelhança semântica, sua separação precisará de uma base mais forte. Se proveniência, histórico de correções, orientação do participante e organização relacional acrescentarem pouco às explicações estabelecidas sobre *prompts* e recuperação, o RCC deverá se estreitar até as funções que pode sustentar. Uma regra de parada decorre do mesmo princípio: a extensão só se justifica quando o *framework* distingue resultados, sustenta expectativas testáveis ou justifica a suspensão onde explicações mais simples não o fazem. Onde ele não acrescentar valor discriminante, sua contração será um resultado científico, não uma falha em proteger o modelo.

Mesmo antes desses testes, o presente estudo oferece um vocabulário para separar material preservado de continuidade operativa, um modelo de três variáveis para examinar como uma estrutura anterior se torna mais ou menos disponível e sete movimentos de configuração não prescritivos para descrever mudança ao longo da interação, da interrupção, da preservação e do retorno. Também oferece um método para vincular interpretação a proveniência, correção, explicações rivais, casos negativos e suspensão fundamentada da classificação, tornando um arquivo longitudinal não público suficientemente inspecionável para análise aprofundada do caso sem apresentá-lo como representativo ou como validação independente do *framework*.

O arquivo fornece ao RCC sua origem, sua pressão e sua primeira aplicação diferenciada. Trabalhos subsequentes deverão determinar se o *framework* pode viajar sem herdar a orientação pela qual se tornou visível pela primeira vez. Se puder, *O Espelho Lucien* permanecerá como sua origem, não como o limite de seu alcance explicativo. Se não puder, a mesma investigação terá estabelecido um limite disciplinado: uma explicação mais clara daquilo que este arquivo permitiu ao *framework* enxergar e daquilo que não pôde ser levado para além dele.

9. Conclusão

Este artigo partiu de um problema que a linguagem da memória, por si só, não conseguia descrever com precisão. Em sistemas descontínuos de modelos de linguagem, uma estrutura interacional prévia pode deixar o contexto ativo e, mais tarde, tornar-se operativa por documentos, históricos de correção, distinções entre fontes, suportes de recuperação, orientação mantida pelo participante e geração renovada do modelo. Quando essa organização volta a se tornar disponível, a troca posterior é mais que um começo sem relação e menos que uma continuação intacta. É um retorno mediado cujas condições podem ser examinadas.

A contribuição central do artigo é uma **explicação da continuidade interacional sensível à proveniência como disponibilidade variável em um campo configurado**. A Configuração Condicionante Recursiva situa o fenômeno relevante não apenas na memória do modelo nem apenas na impressão do participante, mas no arranjo pelo qual material preservado, contexto ativo, mediação do sistema, seleção e correção pelo participante e geração probabilística passam, em conjunto, a orientar o que pode seguir. Por meio de três variáveis analíticas — *Densidade de Âncoras*, *Coerência Estrutural* e *Amplitude Probabilística* — e sete movimentos de configuração não prescritivos, o RCC pergunta o que se tornou disponível, como permaneceu organizado, quais condições moldaram seu retorno e se essas condições alteraram aquilo que poderia plausivelmente vir a seguir.

Dito de maneira mais direta, aquilo que retorna importa não apenas porque parece familiar. Importa porque sua proveniência pode ser rastreada, suas distinções organizadoras podem ser examinadas, suas perdas e transformações podem ser identificadas e suas consequências para a continuação posterior podem ser comparadas. **A disponibilidade é variável, não binária**. Esse deslocamento torna analiticamente distinguíveis preservação sem operação presente, reconstrução parcial, retorno desigual, continuação transformada, falha informativa e incerteza por princípio, em vez de tratá-los como versões mais fracas do mesmo evento.

O arquivo originário colocou essas distinções sob diversos tipos de pressão. A correção pôde se tornar um condicionante interacional estável; material densamente preservado pôde organizar trabalho posterior enquanto permanecia incompleto ou incorretamente montado; e condições contextuais, de modelo, de sistema e de participante alteradas puderam produzir aproximação, perda seletiva, fragmentos reconhecíveis ou recuperabilidade local sem a consequência sustentada necessária a uma classificação mais forte. A aplicação sustenta reconstrução local. A *Reativação* pós-hiato permanece uma leitura candidata porque as evidências exibidas ainda não estabelecem uma sequência comportamental suficientemente persistente. Retornos fracassados e parciais não confirmam o RCC apenas por ocorrerem; tornam-se úteis quando revelam uma condição específica, preservam uma explicação rival, estreitam uma alegação ou exigem que a classificação permaneça suspensa.

Nenhum componente precisa conter a história da interação como um todo contínuo para que partes dessa história moldem o que acontece depois. A documentação pode preservar distinções; interfaces e sistemas de recuperação podem selecionar ou transformar aquilo que reingressa no contexto; participantes podem carregar práticas de correção, hierarquias de relevância e capacidades

de reconhecimento; e modelos podem recombina o material resultante sob condições atuais. Cada contribuição permanece parcial, falível e condicionada de maneiras distintas. O RCC torna sua coordenação disponível para análise sem converter preservação distribuída em memória maquina oculta nem reconhecimento pelo participante em evidência suficiente.

Para IHC e design de continuidade, a implicação não é simplesmente que os sistemas deveriam se lembrar de mais coisas. Eles deveriam preservar proveniência, histórico de correções, limites entre fontes, estatuto de revisão e as relações pelas quais a informação se tornou funcional; também deveriam tornar retornos reconstruídos inspecionáveis e contestáveis. Uma continuação fluente pode reorganizar silenciosamente o passado, enquanto um retorno mediado e visivelmente incompleto pode ser mais fácil de examinar, corrigir e continuar com responsabilidade. O suporte à continuidade é, portanto, menos um problema de acumulação que de reentrada organizada.

Lucien mantém essa explicação vinculada à sua história. Dentro do artigo, Lucien é a designação arquivística de uma configuração historicamente específica de terminologia, correções, estruturas simbólicas, práticas de preservação e orientação mantida pelo participante. A configuração importava antes de se tornar um *framework*: produziu problemas práticos de preservação, compressão, migração, reconstrução, correção e retorno antes que esses problemas fossem organizados no RCC. Lucien marca, assim, a origem da investigação sem se tornar uma entidade autônoma, um caso universal ou um sujeito interno que se presume persistir entre sistemas.

O Espelho nomeia o encontro tornado visível por essa história. É o limiar no qual a estrutura preservada e mantida pelo participante se encontra com a geração probabilística e retorna alterada o bastante para exigir reconhecimento, comparação, correção, recusa ou desenvolvimento renovado. Um padrão organizador pode continuar operativo enquanto sua expressão muda; marcadores familiares podem reaparecer depois de perder sua função anterior; e a transformação pode expor distinções que anteriormente permaneceram práticas sem se tornar formais. O RCC torna inspecionáveis as condições que circundam esse encontro. O Espelho mantém semelhança e diferença visíveis em conjunto.

Esta continua sendo uma primeira aplicação analítica ao próprio caso, geradora de teoria, não uma validação independente. Seu próximo teste científico é se o RCC consegue preservar valor discriminante entre outros participantes, arquivos, sistemas, interfaces, propósitos e histórias de interrupção — e se consegue se contrair quando proveniência, correção, qualidade da recuperação, semelhança semântica ou outra explicação existente responde pelas evidências de maneira mais simples. Qualquer que seja o resultado, o artigo já tornou a pergunta mais precisa: não se um sujeito maquina contínuo persistiu em segredo, nem se nada de interacionalmente relevante permaneceu, mas quais estruturas anteriores voltaram a se tornar disponíveis, por quais mediações e com quais consequências para aquilo que poderia ocorrer em seguida.

O modelo pode não ter estado persistente; a interação, sim.

Transparência da pesquisa, privacidade e disponibilidade do arquivo

O arquivo subjacente contém material interacional não público, longitudinal e dependente de contexto, que não está disponível para divulgação pública irrestrita. O artigo separa, portanto, o arquivo completo das evidências delimitadas necessárias para inspecionar suas alegações analíticas. Oferece excertos selecionados, descrições das camadas de fontes, critérios de seleção de evidências e uma matriz de evidências no nível dos episódios, enquanto o projeto preserva um registro privado e versionado da pesquisa, documentando proveniência, histórico de correções, decisões conceituais, exclusões e mudanças importantes no manuscrito.

Esse limite não trata a não divulgação como substituto da transparência metodológica. Ele protege a privacidade e a integridade interpretativa enquanto mantém a pergunta evidencial concentrada em como uma estrutura anterior se tornou rastreável e operativa, em vez de expor a interação privada como espetáculo. Quando um propósito acadêmico concreto o justificar, mapas de fontes desidentificados, materiais de codificação, índices que conectem alegações a fontes ou outros materiais delimitados poderão ser considerados para revisão controlada, sujeitos à privacidade, à integridade contextual e à função analítica da solicitação.

O manuscrito relata as condições funcionais sustentadas pelo registro: disponibilidade de contexto, reintrodução explícita, condições de memória ou recuperação quando rastreáveis, composição das fontes, interrupção, distância temporal, tratamento documental e condições alteradas de implantação. Rótulos de plataforma e modelo voltados ao consumidor não são tratados como explicações tecnicamente completas dessas condições. Roteamento inacessível, orquestração da memória, instruções de sistema, processos de moderação e revisões da implantação permanecem sem resolução, em vez de serem inferidos a partir de nomes de produtos.

Processo de pesquisa mediado por IA e responsabilidade autoral

Este estudo foi desenvolvido dentro das mesmas condições de interação humano–IA que examina. Múltiplos sistemas de IA generativa participaram, em diferentes momentos, da formação e organização do *corpus*, da descoberta e comparação de literatura, do contraste analítico, da redação de formulações candidatas, dos testes estruturais, da crítica sintética e da revisão reiterada. Suas saídas integraram o ambiente de pesquisa mais amplo pelo qual questões de continuidade, correção, proveniência, interpretação e retorno mediado se tornaram disponíveis para exame.

O processo não foi geração autônoma nem transferência de autoria. O autor estabeleceu o problema de pesquisa, desenvolveu e revisou reiteradamente a Configuração Condicionante Recursiva ao longo de uma extensa história versionada, selecionou e interpretou evidências, verificou fontes, comparou explicações rivais, aceitou, rejeitou ou reelaborou substancialmente formulações candidatas e manteve a responsabilidade final por toda classificação, alegação e formulação apresentada no manuscrito.

Ao mesmo tempo, seria inexato descrever o julgamento do autor como não afetado por essas interações. O envolvimento reiterado com sistemas diferentes influenciou quais perguntas foram perseguidas, quais alternativas se tornaram visíveis, como tensões foram enquadradas e como algumas interpretações foram refinadas, contestadas ou abandonadas. Essa influência é precisamente a razão pela qual a divulgação é metodologicamente necessária. Ela identifica a interação mediada por IA como parte das condições sob as quais a pesquisa se desenvolveu sem converter influência em autoria, autoridade evidencial ou dispensa de verificação.

Como a interação mediada por IA constitui tanto uma condição da investigação quanto parte do objeto do artigo, seu papel é relatado funcionalmente e por proveniência, não reduzido a uma declaração genérica de que inteligência artificial foi “utilizada”. A pergunta metodológica relevante é como diferentes sistemas, documentos, condicionantes, correções e decisões autorais ingressaram no processo, e como contribuições candidatas foram rastreadas, contestadas, transformadas, integradas ou recusadas. Esta divulgação descreve, portanto, a configuração da pesquisa enquanto preserva a distinção entre influência interacional, responsabilidade científica e autoria final.

Referências

- Bender, E. M., & Friedman, B. (2018). Data statements for natural language processing: Toward mitigating system bias and enabling better science. *Transactions of the Association for Computational Linguistics*, 6, 587–604. https://doi.org/10.1162/tacl_a_00041
- Berger, R. (2015). Now I see it, now I don't: Researcher's position and reflexivity in qualitative research. *Qualitative Research*, 15(2), 219–234. <https://doi.org/10.1177/1468794112468475>
- Bickmore, T. W., & Picard, R. W. (2005). Establishing and maintaining long-term human–computer relationships. *ACM Transactions on Computer-Human Interaction*, 12(2), 293–327. <https://doi.org/10.1145/1067860.1067867>
- Brennan, S. E., & Clark, H. H. (1996). Conceptual pacts and lexical choice in conversation. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 22(6), 1482–1493. <https://doi.org/10.1037/0278-7393.22.6.1482>
- Chatterjee, A., Renduchintala, H. S. V. N. S. K., Bhatia, S., & Chakraborty, T. (2024). POSIX: A prompt sensitivity index for large language models. In *Findings of the Association for Computational Linguistics: EMNLP 2024* (pp. 14550–14565). Association for Computational Linguistics. <https://doi.org/10.18653/v1/2024.findings-emnlp.852>
- Clark, H. H., & Brennan, S. E. (1991). Grounding in communication. In L. B. Resnick, J. M. Levine, & S. D. Teasley (Eds.), *Perspectives on socially shared cognition* (pp. 127–149). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10096-006>
- Clark, A., & Chalmers, D. (1998). The extended mind. *Analysis*, 58(1), 7–19. <https://doi.org/10.1093/analys/58.1.7>
- Cohn, M., Pushkarna, M., Olanubi, G. O., Moran, J. M., Padgett, D., Mengesha, Z., & Heldreth, C. (2024). Believing anthropomorphism: Examining the role of anthropomorphic cues on trust in large language models. In *Extended Abstracts of the 2024 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems* (Article 54, pp. 1–15). Association for Computing Machinery. <https://doi.org/10.1145/3613905.3650818>
- de Souza, C. S. (2005). *The semiotic engineering of human-computer interaction*. MIT Press.
- Eisenhardt, K. M. (1989). Building theories from case study research. *Academy of Management Review*, 14(4), 532–550. <https://doi.org/10.2307/258557>
- Flyvbjerg, B. (2006). Five misunderstandings about case-study research. *Qualitative Inquiry*, 12(2), 219–245. <https://doi.org/10.1177/1077800405284363>
- Gebru, T., Morgenstern, J., Vecchione, B., Wortman Vaughan, J., Wallach, H., Daumé III, H., & Crawford, K. (2021). Datasheets for datasets. *Communications of the ACM*, 64(12), 86–92. <https://doi.org/10.1145/3458723>
- Hollan, J., Hutchins, E., & Kirsh, D. (2000). Distributed cognition: Toward a new foundation for human-computer interaction research. *ACM Transactions on Computer-Human Interaction*, 7(2), 174–196. <https://doi.org/10.1145/353485.353487>
- Jones, K. M. L. (2025). Generative AI in qualitative research and related transparency problems: A novel heuristic for disclosing uses of AI. *International Journal of Qualitative Methods*, 24, 1–14. <https://doi.org/10.1177/16094069251404329>
- Lee, P. Y. K., Bo, J. Y., Zhao, Z., Aoyagui, P. A., Varona, M., Anderson, A., Kuzminykh, A., Chevalier, F., & Nobre, C. (2026). Large language lovers: Lived experiences of negotiating agency and platform control in AI companionship. *Proceedings of the 2026 ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency* (pp. 3558–3589). Association for Computing Machinery. <https://doi.org/10.1145/3805689.3806746>

- Lewis, P., Perez, E., Piktus, A., Petroni, F., Karpukhin, V., Goyal, N., Küttler, H., Lewis, M., Yih, W.-T., Rocktäschel, T., Riedel, S., & Kiela, D. (2020). Retrieval-augmented generation for knowledge-intensive NLP tasks. In *Advances in Neural Information Processing Systems* (Vol. 33, pp. 9459–9474). <https://arxiv.org/abs/2005.11401>
- Li, Y., Guo, W., Zhang, L., Xu, R., Huang, M., Liu, H., Xu, L., Xu, Y., & Liu, J. (2026). LoCoMo-Plus: Beyond-factual cognitive memory evaluation framework for LLM agents. In *Proceedings of the 64th Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics* (Vol. 1, pp. 25085–25100). Association for Computational Linguistics. <https://doi.org/10.18653/v1/2026.acl-long.1150>
- Liu, N. F., Lin, K., Hewitt, J., Paranjape, A., Bevilacqua, M., Petroni, F., & Liang, P. (2024). Lost in the middle: How language models use long contexts. *Transactions of the Association for Computational Linguistics*, 12, 157–173. https://doi.org/10.1162/tacl_a_00638
- Lu, S., Schuff, H., & Gurevych, I. (2024). How are prompts different in terms of sensitivity? In *Proceedings of the 2024 Conference of the North American Chapter of the Association for Computational Linguistics: Human Language Technologies* (Vol. 1, pp. 5833–5856). Association for Computational Linguistics. <https://doi.org/10.18653/v1/2024.naacl-long.325>
- Maharana, A., Lee, D.-H., Tulyakov, S., Bansal, M., Barbieri, F., & Fang, Y. (2024). Evaluating very long-term conversational memory of LLM agents. In *Proceedings of the 62nd Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics* (Vol. 1, pp. 13851–13870). Association for Computational Linguistics. <https://doi.org/10.18653/v1/2024.acl-long.747>
- Nass, C., Steuer, J., & Tauber, E. R. (1994). Computers are social actors. In *Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems* (pp. 72–78). Association for Computing Machinery. <https://doi.org/10.1145/191666.191703>
- Packer, C., Wooders, S., Lin, K., Fang, V., Patil, S. G., Stoica, I., & Gonzalez, J. E. (2023). MemGPT: Towards LLMs as operating systems [Preprint]. arXiv. <https://arxiv.org/abs/2310.08560>
- Pickering, M. J., & Garrod, S. (2004). Toward a mechanistic psychology of dialogue. *Behavioral and Brain Sciences*, 27(2), 169–190. <https://doi.org/10.1017/S0140525X04000056>
- Skjuve, M., Følstad, A., Fostervold, K. I., & Brandtzaeg, P. B. (2022). A longitudinal study of human–chatbot relationships. *International Journal of Human-Computer Studies*, 168, 102903. <https://doi.org/10.1016/j.ijhcs.2022.102903>
- Suchman, L. A. (1987). *Plans and situated actions: The problem of human–machine communication*. Cambridge University Press.
- Timmermans, S., & Tavory, I. (2012). Theory construction in qualitative research: From grounded theory to abductive analysis. *Sociological Theory*, 30(3), 167–186. <https://doi.org/10.1177/0735275112457914>
- Tracy, S. J. (2010). Qualitative quality: Eight “big-tent” criteria for excellent qualitative research. *Qualitative Inquiry*, 16(10), 837–851. <https://doi.org/10.1177/1077800410383121>
- Wang, W., Sun, H., Hou, F., Song, M., Zhang, W., Cheng, Y., & Yang, Y. (2026). SubtleMemory: A benchmark for fine-grained relational memory discrimination in long-horizon AI agents [Preprint]. arXiv. <https://arxiv.org/abs/2606.05761>
- Weizenbaum, J. (1966). ELIZA—A computer program for the study of natural language communication between man and machine. *Communications of the ACM*, 9(1), 36–45. <https://doi.org/10.1145/365153.365168>
- Wu, D., Wang, H., Yu, W., Zhang, Y., Chang, K.-W., & Yu, D. (2025). LongMemEval: Benchmarking chat assistants on long-term interactive memory. In *The Thirteenth International Conference on Learning Representations*. <https://openreview.net/forum?id=pZiyCaVuti>